José Martiniano de Alencar

(1829 - 1877)

Arthur Motta

Summario

a) — *Traços biographicos* (Origem, educação, mocidade, trajectoria na vida publica).

b) — *A formação do espirito e do caracter* (O orgulho do collegial, as predilecções do academico, as charadas, influencia do Reverendo Alencar, a leitura de romances e novellas em serões, sua admiração por Macedo, influencia causada pelo successo da Moreninha).

c) — *O escriptor embryonario* (Suas confissões na autobiographia, os primeiros trabalhos que escreveu, as tendencias do escriptor, a influencia dos autores estrangeiros, o estudo dos classicos e das chronicas).

d) — *Primeiras manifestações* (Os contrabandistas, A alma de Lazaro, O ermitão da Gloria, Cinco Minutos, A' viuvinha, (incompleto).

e) — *Classificação da obra* (Romance: historico, da vida da cidade e do campo, indianista — Pastoraes. Folhetins. Critica. Escriptos politicos e juridicos — Eloquencia — Poesia).

f) — *O romancista* (Apreciação succinta dos romances, de accôrdo com a classificação esboçada — Os seus processos de romancista — Os effeitos e as causas).

g) — *Comediographo e dramaturgo* (A tendencia para o theatro, a estreia, as peças que escreveu, o theatro da epoca, como foram recebidas as suas producções, os desgostos que experimentou, genero abandonado).

h) — *O critico* (As cartas sobre a Confederação dos tamoyos, como define a sua esthetica).

i) — *O poeta* Os filhos de Tupan (poema). Ineditos.

j) — *O jornalista* (A sua acção no Correio Mercantil — Os folhetins ao correr da penna).

k) — *O politico* (Na imprensa, na Camara, no Ministerio e no Conselho de Estado — A sua attitude quando foi esbulhado da cadeira do Senado — As cartas de Erasmo — Seus escriptos politicos — O systema representativo — Voto de graças — As suas ideias e a sua orientação).

l) — *O orador* (Seus dotes oratorios — Os discursos parlamentarios — Episodios nos debates).

m) — *O jurisconsulto* (Uma these constitucional — Capacidade de argumentação — A propriedade — Esboços juridicos).

n) — *Seu estylo* (Tentativas de reforma da lingua — Predicados do estylo — Poder de imaginação — Fluencia — Estylo descriptivo — Analyse psychologica).

o) — *Sua influencia na litteratura brasileira* (Os seus contemporaneos e successores).

p) — *Sua inspiração* (A natureza brasileira — Os classicos — A historia patria — Seus autores predilectos — Chateaubriand, Walter Scott, F. Cooper Marryat e outros).

q) — *O indianismo* (Os precursores e os imitadores ou influenciados).

r) — *O nacionalismo* (Diversidade de manifestação — Apreciação das modalidades — Preponderancia nos successores).

s) — *A campanha de descredito que soffreu* (Os ataques dos escriptores portuguezes e nacionaes — Injustiça e inveja).

t) — *Os seus criticos* (Critica contemporanea e posthuma).

u) — *As fontes para o estudo de sua individualidade*:

1 Araripe Junior — Litteratura Brasileira — José de Alencar.

2 Araripe Junior — Movimento litterario de 1893, pag. 132.

3 Araripe Junior — Carta sobre a litt. brasilica 1869.

4 José Verissimo — Historia da Litt. Brasileira pags. 269 e 380.

5 José Verissimo — Estudos de litt. brasileira III pag. 135.

6 José Verissimo — Estudos brasileiros II pag. 153.

7 José Verissimo — Theatro brasileiro — n.º 2 da Rev. da Academia Brasileira de Letras.

8 José de Alencar — Como e porque sou romancista.

9 José de Alencar — Prefacios e notas contidas nos seus romances.

10 Mario de Alencar — Revista do Centro de Sciencias e Letras de Campinas—anno XIV—fasc. II, n.º 39 de 30—6—1915.

11 Rocha Lima — Critica e litteratura pag. 79.

12 Machado de Assis — Critica, pag. 85.

13 Sylvio Romero e João Ribeiro — Compendio de litteratura brasileira, pag. 271.

14 Sylvio Romero — Evolução da litteratura brasileira, 1905, pags. 63, 69, 77 e 97.

15 Sylvio Romero — Quadro synthetico da evolução dos generos na Litteratura Brasileira — 1911.

16 Sylvio Romero — Estudos sobre a poesia popular no Brasil pag. 114.

17 Sylvio Romero — A Litteratura Brasileira e A Critica Moderna, 1880.

18 Julio Barbuda — Litteratura Brasileira, pag. 509.

19 Franklim Tavora — Cartas a Cincinato.

20 A. E. Taunay — Reminiscencias, pag. 81.

21 Pereira da Silva — Memorias do meu tempo, 2.º vol. pag. 90.

22 Teixeira de Mello — Ephemerides nacionaes, vol. 2, pag. 287.

23 Sacramento Blake — Diccionario bibliographico.

24 Innocencio F. da Silva — Diccionario bibliographico.

25 A. Henrique Leal — Locubrações.

26 Pinheiro Chagas — Novos ensaios de litteratura.

27 Joaquim Nabuco — Domingos (artigos em jornal).

28 José Feliciano de Castilho — Questões do dia (revista hebdomadaria).

v) — *O perfil traçado por Araripe Junior.*

x) — *Bibliographia*:

COLLABORAÇAO EM JORNAES E REVISTAS

Ensaios litterarios (S. Paulo) 1846 — A patria de Camarão — Questões de estylo.

Correio Mercantil: (Rio) 1851—1855 — Artigo critico sobre as poesias de A. Zaluar — Artigos sobre a reforma hypothecaria (assignados Al.) — Folhetins "Ao correr da penna" (mais tarde reunidos em volume).

Jornal do Commercio: (Rio) — Artigos litterarios sobre: P. Mont'Alverne, Thalberg e Othelo.

Diario do Rio (de que foi director) 1855—1858 — Escreveu muitos artigos com as assignaturas "Al", as biographias de Euzebio de Queiroz e Marquez do Paraná e publicou as Cartas de Ig. sobre a "Confederação dos Tamoyos", as novellas "Cinco minutos" e "Viuvinha" e o romance "Guarany". "A Constituinte perante a historia", serie de artigos publicados em resposta ao opusculo de igual titulo do Conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.

Dezeseis de Julho (folha politica e litteraria) Rio 1869—1870, 2 vols. (com o Dr. J. Leonel de Alencar).

O Protesto — Rio 1877 (periodico de 16 pags. in 8.º de que sahiram apenas quatro numeros; o 5.º estava em impressão, quando falleceu o autor).

OBRAS PUBLICADAS EM VOLUME OU FOLHETOS

1 — *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos,* por Ig. (publicádas no Diario) Rio de Janeiro — Empreza Typ. Nacional do Diario — 1856, in 8.º — de 96—16 pags.

2 — *O marquez do Paraná* — traços biographicos — Rio 1856, 35 pags. (Sahira antes no Diario).

3 — *O Guarany,* rom. brasileiro (sem o nome do autor). Impresso na mesma typ. 1857 — in 8.º — 4 tomos com 170, 178, 158 e 168 pags. de texto e mais respectivamente 6, 6, 2 e 4 pags. de notas. (Publicado anteriormente no Diario).

4 — *O demonio familiar* — comedia em actos de J. de Alencar — Rio. Typ. Soares e Irmão—1857—in 4.º de 159 pags. (Representada no Gymnasio a 5—9—1857).

5 — *O Rio de Janeiro, Verso e reverso* — comedia em 2 actos, Rio, Empreza Nacional do Diario—1857—in 8.º de 78 pags. (Foi reeditada com o titulo Verso e Reverso) — Representada no Gymnasio em 28—10—1857.

6— *Cinco minutos* (romance) Rio — Typ. do Diario, sem data — in 8.º de 84 pags. (Foi publicada anteriormente em folhetins do Diario).

7— *As azas de um anjo* — comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo — Rio de Janeiro 1860. Editores Soares e Irmão — 8.º de XXIII — 192 pags. (Sabe-se que foi impressa na Typ. Commercial dos editores). Representada no Gymnasio Dramatico em Junho de 1858.

8 — *Cinco minutos — A viuvinha* (romances) Rio 1860.

9 — *A noite de S. João* — comedia lyrica em 2 actos (musica de Elias Alvares Lobo) Rio, 1860, 49 pags. in 8.º.

10 — *Carta que aos eleitores da provincia do Ceará* dirige José de Alencar — Rio 1860, 20 pags.

11 — *As minas de prata* — romance historico — Rio de Janeiro 1862. (Essa edição não foi concluida; foi feita sob o titulo "Bibliotheca Brasileira" e só dous opusculos se publicaram. A obra completa foi depois impressa no Rio de Janeiro em 1865, 6 vols.)

12 — *Mãi* — drama em 4 actos — Rio de Janeiro 1862. Representada no Gymnasio Dramatico em 1860.

13 — *Luciola,* perfil de mulher (romance) por G. M., 1862, Paris, 194 pags. in 8.º

14 — *Diva,* perfil de mulher (romance) por G. M., Paris 1864, 164 pags. in 8.º

15 — *Iracema* — lenda do Ceará — Rio de Janeiro 1865.

16 — *Ao Imperador* — novas cartas de Erasmo. — Rio 1866, 82 pags.

BIBLIOTHECA NACIONAL do Rio de Janeiro R

17 — *Ao Imperador* — cartas politicas de Erasmo — Rio 1865, 92 pags. in 8.º

18 — *Ao povo* — cartas politicas de Erasmo — Ao Marquez de Olinda — Ao Visc. de Itaborahy, carta sobre a crise financeira — Rio 1866 — 3 partes em 1 vol. (76, 8 e 15 pags.) As primeiras, "Ao Povo" são 9; as que são dirigidas ao Marquez de Olinda e ao Visc. de Itaborahy têm frontespicio especial. Todas sob o anonymo.

Pagina da actualidade — Os partidos — Rio de Janeiro Typ. Quirino e Irmão, 1866, in 4.º, 32 pags.

20 — *O Marquez de Caxias* — biographia, com retrato — Rio 1867.

21 — *O juizo de Deus — Visão de Job* — pamphleto politico — Rio 1867.

22 — *A côrte do leão* — obra escripta por um asno — Rio 1867 — 16 pags. in 4.º

23 — *Uma these constitucional* (A Princeza Imperial e o Principe Consorte no Conselho do Estado) Rio de Janeiro — Na Livraria Popular de A. A. Cruz Coutinho, 1867, Typ. de Pinheiro e Cia. 64 pags.

24 — *A expiação* — comedia em 4 actos — Editor A. A. da Cruz Coutinho — Rio de Janeiro 1868 in 8.º— 148 pags.

25 — *A questão de habeas corpus* — (trabalho forense perante o Supremo Tribunal) Rio 1868, 2 partes, 62 e 32 pags.

26 — *O systema representativo* — Editor B. L. Garnier — Typ. Alliança de J. E. S. Cabral — Rio de Janeiro, 1868, in 8.º, 204 pags.

27 — *Relatorio do Ministerio da Justiça* (apresentado á assembléa Geral Legislativa na 1.ª sessão da 14.ª legislatura) Rio de Janeiro — Typ. Progresso 141 pags. 1869, in 4.º

28 — *Discursos proferidos na Camara dos Deputados e no Senado na sessão de 1869* — S. Luiz, 1869—164 pags. (com retrato).

29 — *O gaucho* — romance brasileiro por Senio — Rio de Janeiro 1870 — 2 vol. Editor B. L. Garnier in 8.º, 246—269 pags. Typ. Santos Cardozo e Irmão.

30 — *A pata da gazella* — romance brasileiro por Senio — Mesmo editor — Rio, 1870, 238 pags.

31 — *Guerra dos Mascates* — chronica dos tempos coloniaes — por Senio — Rio 1870, 2 vols. 186—238 pags.

32 — *Discursos proferidos na sessão de 1871 na Camara dos Deputados* — Rio de Janeiro Typ. Perseverança 1871 — 169 pags.

33 — *A viagem imperial* (discurso na Camara dos Deputados — Sessão em 9—5—1871) Rio de Janeiro, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Cia. — 1871, 35 pags. in 8.º

34 — *O tronco do ipê* romance brasileiro publicado por Senio — Rio de Janeiro — B. Garnier, Livreiro editor — 1872, 2 vols. XX—218 e 298 pags.

36 — *Alfarrabios* — chronica dos tempos coloniaes J. de Alencar — Rio de Janeiro B. L. Garnier — livreiro editor. 2 vols. — 1.º vol. "O Garatuja" XII—202 — 2.º vol. "O ermitão da Gloria" — "A alma de Lazaro" I—185 pags.

37 — *Voto de graças* — (discurso que devia proferir na sessão de 20 de Maio) Rio, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Cia. 1874 — 122 pags.

39 — *Ao correr da penna* — revistas hebdomadarias das paginas menores do Correio Mercantil — S. Paulo 1874 — Serie de folhetins que publicára em 1854—1855 no Correio Mercantil, colligidos pelo Dr. J. M. Vaz Pinto Coelho.

40 — O *novo cancioneiro* — (serie de cartas a um amigo) Rio, 1874 (appareceram no Globo) E' um livro de critica em que o autor se occupa da poesia sertaneja.

41 — *Senhora* — perfil de mulher (romance) Rio de Janeiro 1875, 2 vols. por G. M.
42 — *Ubirajara* — lenda tupy — Rio de Janeiro 1875.
43 — *Til* — romance brasileiro por J. de Alencar. — Rio de Janeiro 1875, 2 vols. (Foi publicado antes no periodico "Republica").
44 — *O jesuita* — drama em 4 actos — Rio de Janeiro 1875. O conservatorio dramatico prohibiu a exhibição em scena, mas foi representado depois, nesse anno.
45 — *O sertanejo* — romance brasileiro por J. de Alencar, 1876, 2 vols. — Rio.
46 — *A festa macarronica* — Rio 1877 — 16 pags.
47 — *A propriedade* — com um prefacio do Consro. Dr. Antonio Joaquim Ribas — Rio de Janeiro B. L. Garnier — Livreiro editor — 1883, 269 pags. (publicação posthuma).
48 — *Esboços juridicos* — Rio de Janeiro B. L. Garnier 1883, VI—239 pags.
49 — *Encarnação* — romance — Rio de Janeiro — Domingos de Magalhães editor, 1893 (publicação posthuma feita pelo seu filho Mario de Alencar). Foi publicado antes em folhetins do Diario Popular.
50 — *Como e porque sou romancista* — Rio de Janeiro — Typ. de G. Leuzinger e Filhos, 1893 (publicação posthuma feita por seu filho Mario de Alencar).

OBRAS INEDITAS OU PUBLICADAS EM REVISTAS, ETC.

1 — *O Credito* — Comedia em 5 actos, escripta em 1857. Foi representada no Theatro Gymnasio em Janeiro de 1858. Encontra-se na Revista Brasileira 1895—1896, tomo 4.º, pags 257 a 280 e 342 a 365, tomo 5.º pags. 5 a 30, 65 a 95, 137 a 152, 221 a 234.
2 — *Os filhos de Tupan* — poema, incompleto (1863). Publicado na Revista da Academia Brasileira de Letras n. I canto 1 pags. 5 a 25, n.º II canto 2.º pags. 267 a 282, n.º 3 canto 3.º pags. 5 a 18.
3 — *O vate bragantino* — publicado em artigos e incompleto — (Não descobrimos o jornal ou revista).
4 — *Lembra-te de mim* — (conto ou melhor fantasia) serve de introducção aos Nocturnos de Luiz Guimarães Junior — 1872 — Foi tambem publicado na "Folha do Domingo" do Rio de Janeiro (10—4—1887).
5 — *José Martiniano de Alencar* — biographia do pae do autor) na "Galeria dos brasileiros illustres".
6 — *A Constituinte perante a historia* — serie de artigos publicados no Diario do Rio de Janeiro 1856.
7 — *Nictheroy* — Poemeto — (inedito).
8 — *Rio de Janeiro* — poemeto (inedito).
9 — *Contrabandista* — (romance) perdido ou melhor queimado por um companheiro.
10 — *O pagem negro* — (romance) de que escreveu apenas os quatro primeiros capitulos que foram publicados pela Revista da Academia Brasileira de Letras, n.º 5 pags 1 a 38.
11 — *Um desejo* — por Senio, 1873 (projecto de romance) publicado pela Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas — Anno XV, fasc. II, 30—6—916.
12 — *Temora* — poema epico (inedito).
13 — *Flôr Agreste* — comedia (inedito) cujo titulo primitivo era "O que é o casamento".
14 — *O abbade* — drama — (inedito).
15 — *Gabriella* — drama (inedito) não concluido.
16 — *Borboleta* — romance — (inedito).
17 — *A neta de Anhanguera* — romance — (inedito).
18 — *A roceira* — romance que começou a ser publicado com o titulo "O fazendeiro".
19 — *A divina satyra* — projecto de romance (inedito).
20 — *Memorias de um botão* — projecto de romance (inedito).
21 — *Um aprendiz de ministro* — projecto de romance (inedito).
22 — *Flor de amor* — projecto de romance (inedito).
23 — *Escabiosa* — (sensitiva) projecto de romance (ined.)
24 — *A filha do Belchior* — chronica (inedito).
25 — *Quinão do Padre Feijó* — fragmento (inedito).
26 — *O Ilota no Brasil* — fragmento (inedito).
27 — *Trovas de um palerma* — fragmento (inedito).
28 — *A lingua portugueza no Brasil* (inedito).
29 — *Rascunhos de Grammatica portugueza* — (inedito).
30 — *Metrificação do verso portuguez* — (inedito).
31 — *Introducção de um codigo civil* (inedito).
32 — *Esboço de um codigo civil* (inedito).
33 — *Processo no jury* (inedito)
34 — *Questões forenses* (inedito).
35 — *Discursos diversos* (ineditos).
36 — *Carta a Machado de Assis* contida no Folheto Litteratura pantagruelica — Os abestruzes no ovo — e no prefacio do "Gonzaga" de Castro Alves.

NOTA — Sabemos que o distincto poeta Mario de Alencar tem promptas para o prelo as obras ineditas do seu Illustre Pae.

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

(origem, educação, mocidade, trajectoria na vida publica)

A terra banhada pelos verdes mares bravios, sob a acção de um clima adusto e bafejada pelas correntes aereas que sopram com intensidade e direcção quasi constantes, nasceu José Martiniano de Alencar, a 1 de Maio de 1829, em Macejana.

A tempera rigida de sua intelligencia se formou ao influxo do calor vivificante da zona torrida. Os ornamentos do seu caracter, isento de jaças, foram estillados no grande alambique da Terra de Sol em cujas plagas se abriga o povo magnanimo e hospitaleiro que define a alma do brasileiro.

Outros factores importantes prepondera-
ram na formação do seu espirito: o exemplo de perfeita severidade do seu austero pae, o Senador José Martiniano de Alencar; os carinhos e conselhos de sua bondosa Mãe a quem o escriptor se refere reiteradamente no ensaio de autobiographia que nos deixou; o sangue de Barbara de Alencar, sua avó paterna, a heroina da revolução de 1817; e a figura sympathica do seu primeiro professor, Januario Matheus Ferreira, educador da antiga escola, curando de instrucção e educação.

Simplesmente indicados os factores da influencia, seguindo o methodo de Sainte Beuve, deixamos de analysar as causas e as origens, para nos determos na apreciação dos effeitos e da evolução.

O estudo, mesmo succinto, do meio physico, dos antecedentes hereditarios e da educação do escriptor brasileiro, nos desviaria do thema esboçado e exerceria acção fraca e pouco decisiva nos conceitos que pretendemos emittir.

Não é, portanto, um estudo biographico de José de Alencar que nos propomos a escrever. Limitar-nos-hemos a respigar factos interessantes e dados curiosos que possam ser mais tarde aproveitados para estudo exhaustivo de quem allie á competencia o tempo disponivel para emprehender um trabalho dessa natureza.

Assim, despertando a attenção do leitor para o meio physico, teremos evocado algumas noções indispensaveis a consolidar o perfeito conhecimento do romancista brasileiro.

Em primeiro logar o scenario.

Constituindo o primeiro obice, para difficultar a existencia do nortista, apparece ao longo da costa, uma linha quasi ininterrupta de recifes, baixios e penedias que, com os bancos de areia, embaraçam a navegação e entorpecem o commercio. Os portos são de accesso difficil; o phenomeno das marés apresenta oscillações de exaggerada amplitude.

Os ventos predominantes constituem correntes de velocidade accentuada e formam as dunas ambulantes que soterram povoações e produzem toda a sorte de devastações.

No littoral uma faixa de praias alvacentas e areias movediças, orlada de coqueiros e marchetada de salinas, constitúe serio obstaculo á vegetação, porque a fertilidade do sólo emigra para as camadas subjacentes, atravez do terreno silicoso, francamente permeavel.

Succede-lhe a zona denominada do "agreste" onde se desenvolvem os verdes cannaviaes e os algodoeiros ostentam os capuchos alvos como as cans da velhice.

A vegetação é luxuriante no tempo do "inverno" ou das precipitações meteoricas frequentes e abundantes. Quando, porem, perdura o longo periodo estival, caracterisando a terrivel calamidade da "secca", verifica-se o lethargo da fertilidade do sólo, ha o eclipse das culturas agricolas, perde-se a noção da primavera verde e florida e do outomno opimo e sanzonado. O sertanejo começa a lucta ingloria e desigual.

Mais tetrico é o espetcaculo e torna-se titanica a peleja, quando se transpõe a linha divisoria entre o "agreste" e o "sertão".

A agua escassea por toda a parte. Estancam as fontes, as lagôas seccam e os alveos dos rios reflectem os raios solares em incidencia com o espelho constituido pela camada silicosa e pelos seixos rolados.

O sólo greta-se e apresenta um colorido indefinido, meio cinzento ou quasi pardo, a que os sertanejos denominam "preto".

Perde-se a noção do verde, pois as arvores e arbustos despem-se das folhas e as selvas da prado, a alcatifa dos campos, fica reduzida a esturro. Apenas em certos pontos do sólo pedregoso vicejam as touceiras de cardo, desafiando a inclemencia do tempo, e surgem verdadeiros oasis de *chique-chique, macambira* e *corôa de frade.*

O vaqueiro permanece no seu posto, soccorrendo o gado, abrindo cacimbas cuja agua se torna salobra, alimentando-se de raizes e plantas silvestres e contemplando a aboboda celeste, á espera do elemento salvador.

Sobrevem a miseria desoladora que afugenta os sertanejos para o littoral, impellindo-os ao supplicio do Acre ou comminando-lhes a pena afflictiva e dantesca do inferno verde, guiados pelos carrascos conhecidos sob a alcunha de pharóes. Aos renitentes que ficam ajoujados ao torrão natal ou revelam impavidez no combate improficuo, dá a parca sinistra o fatal destino.

Succedem-se os mezes e um dia opera-se a mutação phantastica. Tolda-se o céo de um manto espesso de nimbus e desaba a tempestade em grossas bategas de agua.

Perduram os aguaceiros por muitos dias. Avolumam-se os cachões precipitando-se pelas encostas mais ou menos ingremes e alagando as varzeas no engorgitamento dos valles.

Diminue a declividade do leito, retarda-se o movimento e formam-se as cheias devastadoras.

Engenhos e pontes, choupanas e casaes são arrastados pela torrente tormentosa e terrivel.

E' a vespera da bonança.

As terras saturam-se de humidade, recebem o elemento fecundo e os campos desabrocham em fertilidade. Como por encanto as arvores cobrem-se de folhas e os desertos de hontem brotam verduras.

Com as primeiras chuvas apparecem bandos densos de aves de arribação, pequenas pombas, que vêm annunciar a redempção das victimas e o despertar da natureza em lethargia prolongada. (*)

Está esboçada a descripção succinta do meio em que o autor de "Iracema" viu pela primeira vez a luz meridiana e onde passou a sua infancia até aos 9 annos.

Recebeu a influencia das primeiras observações na quadra em que as imagens ficam estereotypadas no cerebro, e hauriu a tradição ministrada pelos seus ascendentes, nascidos no mesmo meio.

Deixando de lado a apreciação dos antecedentes hereditarios, julgamos preferivel encarar o aspecto ethnographico, á maneira de Taine.

Dissertar sobre a raça do nortista brasileiro exige a ponderação do triplice elemento constitutivo: o portuguez ou latino, o negro ou africano e o indigena.

Mas releva observar que não nos preoccupa o estudo de ethnographia propriamente dita.

Basta que encaremos o typo mestiço ou o resultante dos tres elementos componentes.

O nortista, pelos indeleveis traços physionomicos, participou em maior dose da preponderancia do terceiro elemento integrante: — o indigena. A conformação craneana, a tez, o aspecto do cabello, a estatura, tudo demonstra a supremacia dos aboriegnes no mestiço nortista. E' desnecessario objectar que nos referimos ao typo geral, não intervindo com as excepções em que ora o sangue da raça branca é mais refinado, ora apparece o negro como elemento de fusão. Mas o caso mais commum é indubitavelmente o mameluco na verdadeira accepção do termo, isto é, o producto hybrido do branco e do indio. Observa-se mesmo um typo curioso, oriundo do hollandez em cruzamento com o gentio.

Não conhecemos a genealogia do creador do Guarany; mas, a admittir que tivesse um antepassado selvicola, deve-se concluir que se operou a selecção, pois o retrato revela um representante apurado da raça latina.

Mas se não teve a acção directa das tres raças cruzadas, participou indirectamente dessa influencia pela lei do contacto, por atavismo, educação ou ideias traditivas.

E' incontestavel, porem, o influxo mesologico e o predominio das raças em fusão.

Os predicados do cearense resumem-se em bondade, coragem, magnanimidade e honestidade.

A propensão para fazer o bem entre os nortistas é synthetisada no culto de hospitalidade, só comparavel á dos gregos antigos.

Na phrase de um viajante francez, é talvez o unico povo que cede ao hospede o leito ou a modesta rêde do casal. Tivemos ensejo de observar esse facto e, ainda mais, podemos affirmar que o sertanejo do norte offerece ao seu hospede, em tempo de penuria, a ração de coalhada, unico alimento reservado para os filhos.

O heroismo do cearense foi comprovado na campanha do Paraguay e tem a confirmação na sua attitude durante a vigencia da calamidade que assola o seu torrão natal. A intrepidez é diariamente demonstrada na vida campesina onde o vaqueiro arrisca a vida em lucta com a rez tresmalhada.

O valor é attestado pela resistencia que denota nos sertões invios do Acre ou da Amazonia.

Não conheço maior calumnia do que increpar ao cearense os habitos de indolencia.

O nortista, como em geral o sertanejo do Brasil, só não trabalha com afinco no periodo da fartura. Segregado dos centros de civilisação, não experimenta os sentimentos de ambição e não carece de desenvolver energia para prover a existencia. Tem as necessidades limitadas e as satisfaz com parcos recursos. Quando, porem, surge a phase calamitosa da escassez de viveres ou da fome, elle moureja com denodo, manejando os instrumentos agrarios ou desafiando a fadiga nos trabalhos que lhe proporciona o governo, a titulo de soccorro.

(*) Para melhor conhecer o scenario que foi observado pelo autor, consultar Euclydes da Cunha — "Os sertões" —; Gustavo Barroso — "Terra de Sol" —; Rodolpho Theophilo — "Historia da Secca do Ceará" e "Seccas do Ceará".

A magnanimidade é um sentimento innato no brasileiro do sertão.

A veneração pela innocencia da donzella, o castigo severo a quem abusa da virgindade das orphãs e desprotegidas, o respeito á propriedade alheia são testemunhos insophismaveis da honestidade do cearense. Presenciámos scenas indiscriptiveis, vendo retirantes exhaustos de fadiga e morrendo á mingoa, sob a fronde de cajueiros e á curta distancia de armazens de comestiveis. Não se commentava um acto de depredação, não se verificava um saque justificado por motivo de força maior e não se condemnava um furto sequer.

Rodolpho Theophilo affirma: "No sul do Brasil não se conhecem essas calamidades e nem tão pouco se calcula o valor e a energia do cearense, povo infeliz e grandemente martyr que se vê de tempos em tempos em lucta aberta com a mais implacavel das desgraças!" (1)

E Gustavo Barroso, como o anterior tambem descendente desse povo heroico, escreve:

"Emfim, um dia, o gado começa a cahir de fome, de sêde e de fadiga. E' a epoca mais terrivel; é quando o nortista mostra a sua energia inflexivel; quando mais se acrisolam suas faculdades combativas e mais se enrija, e mais se robustece sua titanica virilidade. Um minuto de fraqueza, um momento de desanimo, um instante de desencorajamento — e o sertão esmagal-o-á. Mas elle não se abranda e nem se verga. Só contra a impassibilidade da natureza, lucta, lucta sempre. Alguns desertam as fileiras; mas o que ficam continuam o combate.

E dahi, não seja, talvez, paradóxo o dizer — que a secca é um factor do progresso, porque fórma e molda uma raça de fortes". (2)

Nesse meio physico nasceu o autor de "Iracema" e dessa raça de heroes José de Alencar teve a sua origem.

Transposto o limiar da vida, foi o menino arrancado dos patrios lares onde se entregava aos folguedos inherentes á idade, para emprehender uma viagem penosa, de longo curso, em busca do cultivo intellectual. Atravessou os sertões do Ceará e Bahia, em demanda da Côrte para onde se voltavam as attenções dos provincianos.

A essa excursão imprevista e certamente cheia de embaraços e accidentes refere-se José de Alencar no esboço de autobiographia que nos legou e em uma das notas do romance "O sertanejo".

> "Si n'alguma hora de pachorra, me dispuzesse a refazer a cançada jornada dos quarenta e quatro annos, já completos; os curiosos de anedoctas litterarias saberiam, alem de muitas outras cousas minimas, como a inspiração do Guarany, por mim escripto aos 27 annos, cahiu na imaginação da creança de nove, ao atravessar as matas e sertões do norte, em jornada do Ceará á Bahia". (3)

Foi o advento do culto pantheista que elle votou á natureza do Brasil; devoção exteriorisada, sempre que empenhou seu vigoroso estylo descriptivo em pintar as scenas do interior do paiz amado. E não foi só no Guarany que se revelou impregnado dessa inspiração virgem, isenta de artificio. Quando desandou com a clava demolidora sobre a concepção de Gonçalves de Magalhães, esvurmando os defeitos do poema "A Confederação dos Tamoyos", sonhou um portentoso e feerico scenario, lobrigado pela imaginação dos verdes annos, atravez dos montes e valles, das selvas e dos rios caudalosos.

As mesmas impressões, arraigadas no cerebro infantil, manifestou em outros romances, como elle proprio confessa:

> "Refere-se á viagem que fez o autor do Ceará á Bahia por terra nos annos de 1838 a 1839.
>
> A essa jornada cheia de accidentes e feita aos nove annos, deve o autor as mais vigorosas impressões da natureza americana, e dos quaes se acham os traços em muitos de seus livros, especialmente no Guarany e Iracema, e agora no Sertanejo. (4)

---

(1) Seccas do Ceará.
(2) Terra de Sol.
(3) Como e porque sou romancista, pag. 8.
(4) Notas appensas ao 1.º volume do Sertanejo, pag. 255.

Essa insistencia do romancista, em explicar a origem da sua esthesia perante a natureza brasilica, não escapa a um ligeiro reparo de critica psychologica. Sem pôr em duvida a sinceridade do romancista, descobrimos um laivo de disfarce ou uma fusca transparente. E' o repique do orgulho retorquindo o argumento dos criticos e adversarios que lhe attribuiram inspiração indirecta, pelo contagio das leituras de Chateaubriand, Walter Scott, Fenimore Cooper e Aymard.

Não participamos dessa opinião, mas nem por isso perdemos o ensejo de oppôr um commentario, servindo para attestar certa dose de orgulho que dominava o nosso romancista.

Outro peccadilho identico confessa o autor de Iracema, quando nos descreve o incidente collegial havido entre elle e o seu collega e emulo Aguiarzinho, perante o venerando professor Januario Matheus Ferreira.

Foi no "Collegio de Instrucção Elementar" dirigido por esse educador que José de Alencar completou a educação primaria. Dedica o segundo capitulo do opusculo "Como e porque sou romancista" a rememorar a quadra feliz da existencia, rendendo preito de gratidão e tributo de veneração ao seu austero professor, "primeiro homem que lhe incutiu respeito, em quem acatou o symbolo da auctoridade".

Aos 14 annos veiu José de Alencar para S. Paulo terminar a instrucção secundaria, afim de matricular-se na Faculdade de Direito.

Começa para o escriptor brasileiro a primeira phase de difficuldades provenientes da deficiencia e quiçá desordem no estudo de humanidades.

Ainda hoje perdura essa lacuna no Brasil, sendo grande a porcentagem de moços mal preparados que se matriculam nas academias.

São causas de semelhante desorganisação o mercantilismo em materia de instrucção, a falta no cumprimento do dever, a incompetencia, o desleixo e o incuria da maioria dos professores e as reformas frequentes e abstrusas nos programmas de ensino.

A instrucção deve obedecer a um plano systematico e rigoroso e constituir um sacerdocio. Os nossos governos que descuram do ensino primario e superior, esquecem completamente o secundario ou humanitario.

O facto é que José de Alencar ao concluir os seus exames preparatorios, julgava quasi insuperavel a tarefa de ler Balzac, Dumas, Vigny,. Chateaubriand, e Victor Hugo, no original.

Felizmente para nós o seu orgulho incipiente e o seu capricho determinaram um trabalho retrospectivo, de verdadeira recordação das disciplinas estudadas, conseguindo o apparelhamento necessario á carreira do escriptor.

Em 1846, aos dezesete annos, matriculou-se no curso superior, levando no espirito o virus litterario que minou toda a sua existencia.

Attingira ao termo do primeiro torneio da vida — a puericia, — e transpunha os humbraes da adolescencia, adestrando a intelligencia para as justas varonis, em scenario de maior amplitude, cuja meta se disfarça no limbo da imprevisão.

Encetára a jornada afanosa da vida abrigado no albornoz da inexperiencia e conduzindo as provisões de algumas migalhas de conhecimentos scientificos e litterarios nos alforges de um cerebro ávido de novas impressões.

Já havia pago o tributo de uma estreia á socapa, compondo charadas, ensaiando romance e tangendo a lyra.

Bem differente era a adolescencia dos coevos de Alencar, em confronto com a dos jovens de hoje.

Havia nos tempos de antanho, como em qualquer época, os não precatados que preferiam um dos seductores atalhos da vereda tortuosa e indefinida da existencia. Mas a maioria trilhava a róta batida, com serenidade e coragem, evitando sempre as erradas, no dizer expressivo dos nossos antepassados, termo ainda hoje caracteristico da linguagem dos sertanejos, nos conselhos dispensados aos viandantes.

Os moços de hoje desprezam o caminho da gloria e preferem os ouropeis do vicio, a fascinação dos gozos da vida mundana, ou são guiados pela ambição de lucros mercantis.

E' essa a causa predominante da escassez de talentos precoces, da pobreza de primicias litterarias, do desinteresse pelos assum-

ptos sociaes e da isenção de cultura philosophica entre os nossos jovens. Trocam o gabinete de estudo pelos cinematographos, *bars,* cafés concertos e casas de tolerancia.

Cumpre reagir, orientando a mocidade para a conquista de glorias legitimas, como parece ter soado o rebate, despertando-se os sentimentos civicos dos jovens e incitando-lhes a defesa da causa sagrada da Patria.

Que sejam os incentivos amplos e multiplos, enisnando aos moços que, alem de defender, é preciso engrandecer e honrar o nosso Brasil, tornando-o forte, culto, prospero e respeitado.

Não nos desviamos do assumpto, com essa diggressão, em nos referindo á mocidade de José de Alencar que amou e soube honrar o nosso paiz. Como nos trava a saudade, revendo os nossos dias de hontem no reflector dessa palavra: — *Mocidade!*

> "Que la jeunesse est une douce chose! Les enfants la désirent, les vieillards la regrettent, ceux qui l'accusent l'envient et la voudraient, retrouver au moment où ils s'en plaignent. Rien ne la remplace quand on la perd, juisqu'elle n'exclut aucun bien. Elle est elle-même un bien qui tient lieu de bonheur; je voudrais qu'elle fût une excuse". (1)

Talvez seja essa a influencia dos nossos acrimoniosos reparos, verberando os desvarios dos que embicam nos primeiros passos e esquecendo tropeços identicos do passado, fóra do campo de nossa observação. E' certo que os actos dos rapazes de 1846 não feriram a nossa retina; mas, a julgar pelo que se lê, podemos affirmar que a mocidade de Alencar foi morigerada e modesta.

Vejamos a adolescencia do romancista pela sua propria confissão:

> "Os dous primeiros annos que passei em S. Paulo, foram para mim de contemplação e recolhimento de espirito. Assistia arredio ao bulicio academico; e familiarisava-me de parte com esse viver original, inteiramente desconhecido para mim, que nunca fôra pensionista de collegio, nem havia até então deixado o regaço da familia.
>
> As palestras á mesa do chá; as noites de *cynismo* conversadas até o romper d'alva entre a fumaça dos cigarros; as anedoctas e aventuras da vida academica, sempre repetidas; as poesias classicas da litteratura paulistana e as cantigas tradicionaes do povo estudante; tudo isto sugava o meu espirito adolescente, como a tenra planta que absorve a lympha, para mais tarde desabrochar a talvez pallida florinha.
>
> Depois vinham os discursos recitados nas solemnidades escolares, alguma nova poesia de Octaviano; (2) os brindes nos banquetes de estudantes; o apparecimento de alguma obra recentemente publicada na Europa; e outras novidades litterarias, que agitavam a rotina do nosso viver habitual e commoviam um instante a colonia academica". (3)

E apezar de ter a mocidade bem diversa dos heróes de Murger nas *Scenes de la vie bohême* e mui distincta da que tiveram outros escriptores brasileiros, como Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Fagundes Varella, e outros, elle, como todos nós, evocava o seu passado o seu tempo de estudante, dizendo: "A pagina academica é para mim, como para os que a viveram riquissima de reminiscencias, e nem podia ser de outra forma, pois abrange a melhor monção da existencia".

Foi uma phase inteiramente devotada ao estudo e fruida sem dissabores luctas e peripecias, por Alencar que não conhecera as agruras da sorte, por pertencer a uma familia de abastados ou pelo menos de remediados.

Elle soube tirar o maximo proveito da vida collegial, tendo a primazia na classe, praticando os conselhos paternos e tirando partido do seu temperamento privilegiado. Não se transviou na vida academica, evitando as más companhias e dedicando-se ao estudo, não só para vencer as difficuldades da falta

---

(1) Ch. de Rémusat: Critiques et Études littéraires.

(2) O poeta e politico Francisco Octaviano de Almeida Rosa.

(3) Como e porque sou romancista, pa.g 31,

de preparo fundamental, como tambem apparelhando-se para a fulgurante carreira litteraria, sem esquecer os seus deveres de estudante de um curso juridico.

Dava conta do recado, como se diz em gyria, nas suas obrigações academicas e reservava a melhor parte do seu tempo para o estudo dos classicos e das chronicas, a leitura dos romances e dos grandes poetas da humanidade, para consolidar em fim a sua erudição indispensavel á realisação do seu sonho infantil.

"Os estudos de philosophia e historia preenchiam o melhor do meu tempo, e de todo me attrahiam".

Não viciava o seu ambiente de esperança com os gazes deleterios de um pessimismo precoce ou com as emanações pestilenciaes de uma vida desregrada e impregnada de dissipações e libertinagens.

Respirava em atmosphera sadia.

E assim colheu as fecundantes sementes nas seáras amadurecidas pelo incessante labor coadjuvado pelos conselhos dos progenitores.

Fez-se a semeadura em terra lavradia, de amanho concluido, e ficou o joven preparado para a farta messe, ceifando as louras espigas e colhendo os fructos opimos e saborosos do seu trabalho methodico e sem tregoas.

Concluiu o curso juridico em 1850, havendo estudado 4 annos em S. Paulo e um em Olinda. Frequentou os dous primeiros annos na Academia de São Paulo; o terceiro cursou em Olinda (1848), anno em que passou dous mezes na terra natal.

Em 1851 estabeleceu-se no Rio de Janeiro onde começou o tirocinio de advogado no escriptorio do Dr. Caetano Alberto, como praticante. Dous annos depois, accedendo a um convite de Francisco Octaviano, fez a sua estreia no *Correio Mercantil,* substituindo o seu collega na secção de folhetim.

Collaborou depois no *Jornal do Commercio* e de 1855 a 1858 foi o director do *Diario do Rio de Janeiro* onde consolidou o seu credito de jornalista emerito.

Foi lente de direito mercantil no Instituto Commercial do Rio de Janeiro. director de Secção na Secretaria de Justiça e consultor do mesmo ministerio.

Na carreira politica, desempenhou com brilho o mandato de deputado em varias legislaturas foi ministro da justiça no gabinete de 16 de Julho de 1868 e foi eleito senador, embora não escolhido em lista sextupla.

Em logar opportuno apreciaremos a sua acção politica e analysaremos os relevantes serviços prestados ao paiz.

Morreu em 1877 (12 de Dezembro) e poucos annos antes emprehendeu uma viagem á Europa, com o intuito de corrigir o estado de saude, profundamente abalada por uma affecção pulmonar.

(*Continua*).

José Martiniano de Alencar

(1829-1877)

Arthur Motta

A formação do espirito e do caracter

O orgulho do collegial, as predilecções do academico, as charadas, influencia do Rev. Alencar, a leitura de romances e novellas em serões, sua admiração por Macedo, influencia causada pelo successo da Moreninha.

JÁ nos referimos ao orgulho incipiente do collegial, sem narrar o facto; e tambem oppuzemos ligeiros commentarios á explicação que dá o escriptor sobre a origem da sua inspiração, relativa á natureza brasileira. Examinemos agora a manifestação desse phenomeno psychologico, ou de ordem moral, e façamos a inducção, observando ou analysando varios actos do homem, afim de deduzirmos a proposição enunciada ou generalisarmos o conceito emittido.

Antes, porém, de applicar esse processo de demonstração, analogo ao methodo adoptado em sciencias inferiores, principalmente no dominio da mathematica, recordemos a noção exacta do vocabulo orgulho.

Vejamos as definições de Antonio de Moraes Silva:

> "*Orgulho,* s. m. (do gr. orgilos, irado, colerico, segundo outros de *orgãô,* eu estou inchado, porque o orgulho é inchação do coração) — Brio, ufania; soberba; elevação de alma nobre ou reprehensivel, segundo os motivos, etc.
>
> *Orgulho* é uma alta opinião de si mesmo, etc.
>
> *Orgulho* é o sentimento habitual, que resulta em nós da alta ideia que fazemos da extensão e superioridade do nosso merecimento, e que nos inclina a julgar-nos dignos do respeito, admiração e louvor dos outros, e talvez a menosprezal-os."

Não pretendemos absolutamente desmerecer o elevado caracter de José de Alencar, nem tão pouco censurar o seu instincto natural ou egoistico. Reconhecemos até que o orgulho é um sentimento inherente aos homens de valor moral ou intellectual, de effeito muito menos desastroso do que a vaidade.

Augusto Comte explica que a transição dos instinctos egoisticos se opera "par deux inclinations très distinctes, quoique souvent confondues, l'orgueil, ou le besoin de domination, et la vanité, ou le besoin d'approbation" (1). embora classifique a vaidade como sendo instincto pessoal mais nobre do que o orgulho. Alencar tambem participou de uma certa dóse de vaidade.

Limitamo-nos a notar a existencia do phenomeno e apreciar a sua manifestação, sem pretendermos discutir o assumpto em these.

Estamos convencido do predominio do caracter sobre a intelligencia, nos actos da vida humana, (2) e não devemos abandonar esse ponto essencial de psychologia do romancista brasileiro.

Abordemos a demonstração promettida.

Conta-nos José de Alencar (3) um incidente collegial em que, por distracção, perdeu o primeiro logar, cedendo-o ao seu rival Aguiarzinho e reconquistando-o no mesmo dia, por haver o professor prorogado o interrogatorio e formulado questões de difficuldade crescente.

---

(1) Augusto Comte — Système de politique positive.

(2) Gustave Le Bon — Aphorismes: "On ne se conduit pas avec son intelligence mais avec son caractère."

(3) Como e porque sou romancista.

O caso não affectava a minima importancia, no emtanto o commentario de José Alencar é do seguinte theor:

> "Ancioso aguardava elle (o emulo) a occasião de se desforrar da partida que lhe eu havia ganho, depois de uma luta porfiada. Todavia não lhe acudiu a resposta de prompto; e passaria a sua vez, si o director não lhe deixasse tempo bastante para maior esforço do que fôra dado aos outros e sobretudo a mim. Afinal occorreu-lhe a resposta, e eu com o coração tranzido, cedi ao meu vencedor o logar de honra que tinha conquistado de grão em grão, e conseguira sustentar havia mais de dous mezes.
>
> Nos trinta annos vividos desde então, muita vez fui esbulhado do fructo do meu trabalho pela mediocridade agaloada; nunca senti senão o deprezo que merecem taes pirraças da fortuna, despeitada contra aquelles que não a incensam.
>
> N'aquelle momento, porém, vendo perdido o premio de um estudo assiduo, e mais por sorpreza, do que por deficiencia, saltaram-me as lagrimas que eu traguei silenciosamente, para não abater-me ante á adversidade."

E prolonga a descripção do episodio collegial, com minucia e pormenores, até concluir com o remate esperado:

> "Momentos depois entrava eu pelo salão á frente da classe, onde me conservei até o exame."

Outro symptoma, extrahido do mesmo opusculo, que revela o desabafo do escriptor, diante da injustiça que soffreu, provocada pelo proprio orgulho:

> "Não sabia eu então que, em meu paiz, essa luz, que dizem gloria, e de longe se nos afigura radiante e esplendida, não é senão o baço lampejo de um fogo de palha." (Pag. 287, obr. cit.).

Ainda este trecho:

> "Hoje em dia quando surge algum novel escriptor, o apparecimento do seu primeiro trabalho é uma festa, que celebra-se na imprensa com luminarias e fogos de vista. Rufam todos os tambores do jornalismo, e a litteratura fórma parada e apresenta armas ao genio triumphante que sóbe ao Pantheon.
>
> Compare-se essa estrada, tapeçada de flores, com a róta asperrima que eu tive de abrir, atravez da indifferença e do desdem desbravando as urzes da intriga e da maledicencia." (Pag. 50, obr. cit.).

Observa-se ahi, alem da estima exaggerada do proprio valor, a intercorrencia do apreço manifestado pelo applauso alheio ou do anhelo de glorificação. Si imperasse exclusivamente a consciencia do nimio valor, occorreria ao nosso romancista uma phrase semelhante á que pronunciou Rossini, quando lhe communicaram haver o publico de Milão recebido com hostilidade a opera "Barbeiro de Sevilha": — Ah! si? Tanto peggio pel publico! — Ou mesmo acudiria a Alencar sentença analoga á que expendeu, quando acoimaram de decrepitude a phase em que adoptou o pseudonymo de Senio:

> "Não me affligi com isto, eu que, digo-lhe com todas as veras, desejaria fazer-me escriptor posthumo, trocando de bôa vontade os favores do presente pelas severidades do futuro". (Pag. 54, obr. cit.).

Mas não censuramos esse traço caracteristico do temperamento do autor do Guarany. A esse instincto subalterno elle, como a maioria dos grandes homens, deve a sua capacidade de trabalho e o seu incontestavel e relevante merito.

E' o caso de se repetir com Pascal: "La douceur de la gloire est si grande qu'à quelque chose qu'on l'attache, même à la mort, on l' aime."

Prosigamos na demonstração do diagnostico, para que se não qualifique de temerario o nosso juizo.

Compulsando-se as notas e prefacios annexos ao seus romances, pode-se rebuscar outros attestados menos eloquentes; preferimos,

porém, consultar a opinião de autores que estudaram a obra de Alencar.

Araripe Junior, o mais insuspeito de todos, que traçou o magnifico perfil literario do illustre cearense, escreve: "Cedo levaram-no á consciencia do proprio valor e encheram-no de um tal ou qual orgulho, que obrigou-o a afastar-se do que é vulgar, e a concentrar-se em si para crear novos alentos." (4)

Tambem o Visconde de Taunay assim se exprime: "Tinha Alencar convicção dessa verdade e d'ahi, em parte, as suas maneiras esquivas e penetradas de frio orgulho, que não lhe attrahiam sympathias pessoaes, nem consentiam formar-se escola em contacto immediato com a sua individualidade."

E a elle attribue a seguinte pergunta, naturalmente feita a um amigo em momento de desanimo ou de desgosto:

"Você acha que passarei á posteridade? Não nutro essa segurança e, comtudo, quanto alento me daria, no meio dos desconsolos que tambem me vêm do cultivo das letras!" (5)

Não transcrevemos o juizo de Tobias Barreto, por julgarmol-o irreverente e injusto.

Para concluir, lembramos o incidente com o Imperador, a proposito da sua eleição para Senador.

Preferiu sacrificar a pasta do ministerio que lhe dava destaque no mundo politico, cargo que desempenhava com relevo e brilho, abandonando todas as vantagens de uma situação commoda e até desertando das fileiras politicas, a seguir o conselho do monarcha. Queria mostrar o seu prestigio pessoal, embora tivesse a certeza do sacrificio, pois devia saber que, mesmo obtendo a maioria de suffragio na sua provincia natal, não seria escolhido na lista e teria o castigo de sua rebeldia.

Assim aconteceu e ficou o Brazil politico privado do seu valoroso concurso.

Já salientámos a sua tendencia para a carreira literaria, desde os bancos academicos, mostrando a preferencia da leitura de romances e autores classicos sobre a dos compendios e tratados de direito. Foi essa a causa exclusiva de haver concluido o seu curso, com escrupulo e honestidade, mas sem brilho e fulgores compativeis com o seu talento.

Venceu com extrema facilidade o primeiro obice que se lhe antolhava no apparelhamento da cultura literaria, conseguindo lêr os melhores autores francezes da época, apezar do desalinho no conhecimento da lingua franceza.

Leu as obras completas de Balzac, começando por *La Grenadière,* alem de algumas de Dumas e Vigny, e devotou-se a Chateaubriand e Victor Hugo. Em pouco mezes concluiu a primeira tarefa, com avidez, deixando-se empolgar mais pelo genero literario, pelos moldes dos romances, pela factura emfim, do que pelos enredos ou o desenvolvimento da acção.

Pagou tributo a Byron, mas não soffrendo a influencia deleteria que minou a existencia de Alvares de Azevedo, Fagundes Varella e outros.

Recebeu sómente o influxo benefico e poetou, como quasi todos os estudantes no Brasil, assignando as suas producções com os nomes de Byron, Hugo e Lamartine. E escrevia as suas composições nas paredes da *republica,* sem lhes dar o menor apreço

Um anno depois, em 1846, devotou-se á imprensa, fundando com outros companheiros, os *Ensaios literarios* onde escreveu dous trabalhos: *A Patria de Camarão* e *Questões de estylo.*

Não lográmos encontrar essas publicações nas bibliothecas do Estado e da Faculdade de Direito.

Dous annos depois, em Olinda, tentou o segundo ensaio de romance e arrostou com impávida energia a tarefa fastidiosa de lêr os chronistas da era colonial, pesquizando o germen de nacionalismo que devia inocular na sua obra futura.

Mas o primeiro impulso para as bellas lettras foi o divertimento de compôr e decifrar charadas, segundo a confidencia feita a Araripe Junior e a sua propria confissão no ensaio de auto-biographia já alludido. (6)

"O dom de produzir a faculdade creadora, si a tenho, foi a charada que a desenvolveu em mim, e eu teria prazer em referir-lhe esse episodio psychologico, si não fosse o

---

(4) Araripe Junior — Litteratura brasileira. José de Alencar, pag. 12.

(5) Visconde de Taunay — Reminiscencias, pag. 89.

(6) Como e porque sou romancista, pag. 22.

receio de alongar-me demasiado, fazendo novas excursões fóra do assumpto que me propuz."

Outro orientador dos seus primeiros passos no mundo literario foi o Rev.º Alencar, seu parente e mestre na arte das charadas e logogryphos.

Póde-se dizer que o padre foi o seu primeiro critico, porque corrigia-lhe as composições, interessava-se pelas manifestações do seu talento infantil e preoccupava-se com a faculdade creadora do menino. Alem disso proporcionava-lhe o exemplo de lealdade, franqueza e outras provas de caracter. Folgazão e prazenteiro, incutia a alegria no espirito do menino taciturno e contrariava a manifestação de um sentimentalismo abundante, filho do clima e da raça e herança materna.

José de Alencar havia conseguido no collegio o predicado de eximio leitor e era por isso aproveitado nos serões familiares, em torno da classica mesa das refeições e naturalmente sob o clarão amortecido de uma lampada de oleo ou de petroleo. Lia novellas e narrativas do genero sediço e abandonado: Armanda e Oscar, Saint Clair das Ilhas, Celestina, etc.

"Foi essa leitura continua e repetida de novellas e romances que primeiro imprimiu em meu espirito a tendencia para essa fórma literaria que é entre todas a de minha predilecção?" pergunta elle. E rememora a explicação do genio de Mozart e de sua precoce revelação pelo facto de ser adormecido no berço, ao som da musica.

Julgamos que tanto o cultivo das charadas, como a intervenção do seu preceptor das horas de lazer, á maneira dos gregos, como as suas funcções habituaes de *ledor* nos serões familiares, contribuiram para lhe imprimir a directriz da intelligencia no dominio do romance.

Mais tarde, o successo alcançado pela Moreninha de Macedo fez-lhe estuar o sangue nas arterias e abalar-lhe o systema nervoso, na ancia de gloria semelhante. E foi então que começou a devorar romances, lendo-os uns após outros, com o intuito exclusivo de seguir a trilha brilhante do novel e applaudido escriptor fluminense.

Ahi está, com a leitura dos autores francezes, a segunda impulsão do seu espirito para o movimento accelerado, na trajectoria do romance.

O escriptor embryonario

Suas confissões na auto-biographia, os primeiros trabalhos que escreveu, as tendencias do escriptor, a influencia dos autores estrangeiros, o estudo dos classicos e das chronicas.

Foram já examinadas as confissões do escriptor e apreciadas as causas determinantes da sua vocação literaria.

Como semente contribuiu o temperamento, faculdade hereditaria, transmittido por sua progenitora.

"Mas não tivesse eu herdado da minha santa mãe a imaginação de que o mundo apenas vê as flores, desbotadas embora, e de que eu sómente sinto a chamma incessante; que essa leitura de novellas mal teria feito de mim um mecanico literario, desses que escrevem presepes em vez de romances."

Como primeiros adubos do seu espirito, em phase preparatoria, actuaram as leituras de novellas e as charadas.

Quem teve a primazia de lhe amainar os impetos do temperamento e os arroubos da imaginação, foi o Reverendo Alencar.

Resta-nos descobrir o primeiro rebento de sua intelligencia no terreno novellistico.

Foi um timido ensaio de romance historico, inspirado pelo dilecto Amigo de Alencar, Joaquim Sombra (7).

Foi o heróe do movimento sedicioso do Exú e dos pronunciamentos nos sertões de Pernambuco quem suggeriu ao menino a ideia de redigir um romance, aproveitando um episodio da revolução de que elle era protagonista.

"A ideia foi acceita com fervor; e tratamos logo de a pôr em obra. A scena era em Pajihú de Flores, nome que por si só enchia-me o espirito da fragancia dos campos nativos, sem fallar dos encantos com que os descrevia o meu amigo.

---

(7) Coronel Joaquim José de Souza Sombra.

Esse primeiro rascunho foi-se com os folguedos da infancia que o viram nascer. Das primicias literarias nada conservo; lançei-as ao vento como palhiço que eram da primeira copa."

Em São Paulo, de 1842 a 1847, alem das poesias inspiradas por Byron e Lamartine e dos artigos publicados nos Ensaios Literarios (1846), nada fez José de Alencar, a não ser aprestar-se para a lucta e exercitar a sua imaginação.

Só em Olinda (1848) foi que lhe resurgiu a veia do romance.

Como Anteu, o gigante da mythologia grega, foi repisar o sólo natal, afim de readquirir alento para a lucta; recebeu nova dóse de vigor e de inspiração, sensibilisando novamente as cellulas cerebraes com as impressões hauridas na puericia e durante a excursão do Ceará á Bahia.

Atirou-se novamente á leitura febricitante, conhecendo outros autores francezes, como Eugène Sue, Frédéric Soulié, Arlincourt, etc., e travando relação com Walter Scott, Fenimore Cooper e F. Marryat.

Nessa occasião leu as chronicas dos tempos coloniaes, em busca de um thema para um romance nacional.

Diz-nos elle no seu esboço de memorias literarias: "Uma coisa vaga e indecisa que devia parecer-se com o primeiro broto do Guarany ou de Iracema, fluctuava-me na fantasia. Devorando as paginas dos alfarrabios de noticias coloniaes, buscava com soffreguidão um thema para o meu romance; ou pelo menos um protoganista, uma scena e uma época.

Recordo-me de que para o martyrio do Padre Francisco Pinto, morto pelos indios de Jaguaribe, se volvia meu espirito com predilecção. Intentava eu figural-o na mesma situação em que se achou o Padre Anchieta, na praia de Iperoig; mas succumbindo afinal á tentação. A lucta entre o apostolo e o homem, tal seria o drama, para o qual de certo me falleciam as forças."

Mais tarde aproveitou esse thema nas Minas de Prata.

Em Olinda passou um só anno e teve de regressar a S. Paulo, castigado por uma enfermidade.

E' de suppôr que elle tivesse preparado em Olinda o arcabouço do romance *Contrabandistas* e *O ermitão da Gloria*.

O primeiro escripto aos 18 annos, segundo Alencar, foi indubitavelmente em Olinda (1848), quando elle leu *Peter-Simple* e *Mr. Midshipman Easy*, dous romances de aventuras maritimas que contribuiram para a reputação de Marryat (1792-1848). Desse mesmo genero de leitura resente-se o *Ermitão da Gloria*.

De *The Pilot, The Red Roves* e outros romances de assumptos nauticos de Cooper (1789-1851), elle confessa a inspiração com referencia aos *Contrabandistas*.

Araripe Junior extranha que não cite os dous ultimos romances alludidos, como tendo sido escriptos em Olinda, em sua primitiva concepção. Declara que houve esquecimento do autor, pois lembra-se que ouviu do proprio Alencar tal affirmativa, accrescentando que Lazaro fôra conhecido por elle em Olinda.

Ahi temos a influencia de dous escriptores estrangeiros, um inglez e outro norte-americano.

Mas os seus autores favoritos eram Chateaubriand e Walter Scott.

Primeiras manifestações

Os contrabandistas, A alma de Lazaro, O ermitão da Gloria, Cinco minutos, A viuvinha (incompleto).

O primeiro romance escripto por Alencar foi consumido por um hospede que tinha o máo gosto de preparar, todas as noites, mechas com as paginas do manuscripto e queimal-as na vela para accender o cachimbo.

Como curiosidade historica, devemos dar a palavra ao autor, para discorrer o plano de sua tentativa séria de romance:

"Sua feitura havia de ser consoante á inexperiencia de um moço de 18 annos, que nem possuia o genio precoce de Victor Hugo, nem tinha outra educação literaria, senão essa superficial e imperfeita, bebida em leituras a esmo. Minha ignorancia dos estudos classicos era tal, que eu só conhecia Virgilio e Horacio, como

pontos difficeis do exame de latim, e de Homero apenas sabia o nome e a reputação.

Mas o traço dos *Contrabandistas,* como o gizei aos 18 annos, ainda hoje o tenho por um dos melhores e mais felizes de quantos me suggeriu a imaginação. Houvesse editor para as obras de longo folego, que já esse andaria a correr mundo, de preferencia a muitos outros que dei á estampa nestes ultimos annos.

A variedade dos generos que abrangia este romance, desde o idyllio até a epopéa, era o que sobretudo me prendia e me agradava. Trabalhava não pela ordem dos capitulos, mas destacadamente esta ou aquella das partes em que se dividia a obra. Conforme a disposição de espirito e a veia de imaginação, buscava entre todos o episodio que mais se moldava ás ideias do momento. Tinha para não perder-me nesse dedalo o fio da acção que não cessava de percorrer.

A estas circumstancias attribuo ter o meu pensamento, que eu sempre conheci ávido de novidades, se demorado nesse esboço por tanto tempo; pois, quatro annos depois, já então formado, ainda era aquelle o thema unico de meus tentamens no romance; e si alguma outra ideia despontou, foi ella tão pallida e ephemera que não deixou vestigio."

De *Alma de Lazaro* e *Ermitão da Gloria,* como foram refundidos, fallaremos em logar opportuno, depois de esboçar a classificação dos romances do autor.

Cinco minutos e *Viuvinha* são dous ensaios poeticos de romance que esboçam a feição dominante dos perfis de mulher traçados pelo autor.

A primeira novella foi pela primeira vez publicada em folhetins do *Diario do Rio de Janeiro,* jornal de que José de Alencar foi redactor-chefe. E' a historia singela de um amor que teve a explosão em um omnibus dos que possuia outr'ora a cidade de S. Sebastião, como vehiculo de transporte dos moradores de arrabaldes longinquos. Carlota, a protagonista da novella e inspiradora do amor subito, resistiu ou fingiu resistir á influencia da corrente mysteriosa de sympathia que dominou o seu companheiro de viagem, mantendo o incognito favorecido pela obscuridade do ambiente e por um véo discreto.

Ateada a chamma no coração do rapaz, foi impossivel dominar o incendio que lavrou com intensidade, favorecida pela astucia feminina.

O joven perseguia a sombra fugitiva, guardando de sua amada, como indicios na pesquiza, o timbre da voz e o perfume do lenço.

Carlota mantinha o incognito, porque soffria de uma affecção pulmonar e não queria causar a infelicidade do ente que lhe inspirara amor.

O namorado *correu a via sacra,* em perseguição da sylphide esquiva que para elle, se tornara verdadeira obsessão.

Depois de varios encontros fortuitos, têm os amantes ensejo de uma rapida entrevista em Petropolis.

Desvendou-se o segredo de Carlota que, num supremo esforço, escreveu a seu amado, expondo a situação que exigia um sacrificio de parte a parte.

Era a despedida peremptoria, pois Carlota no dia seguinte atravessava o oceano, em busca de prorogação da existencia, minada pela terrivel enfermidade.

Inutil é dizer que o moço apaixonado seguiu-a e foi ter o idyllio em Napoles onde paralysou-se a molestia, sob a influencia benefica do clima e da felicidade.

E casaram-se na igreja de Santa Maria Novella, em Florença.

Ahi está a novella subtil e fugaz como um sonho.

E' um poemeto em prosa, com o feitio lamartineano.

Si applicarmos o methodo esboçado por Hennequin, para analyse de esthopsychologia, verificaremos e simplicidade de vocabulario e elegancia na formação da phrase.

Alencar não se preoccupa com os termos rebuscados e não tortura os periodos, abusando da ordem inversa. A sua linguagem é correntia e perfeitamente adstricta ás ideias e aos pensamentos que lhe acodem á mente. No seu estylo predomina a nota descriptiva, com muita sobriedade e relevo de imagens encantadoras.

Não é em *Cinco Minutos* ou na *Viuvinha* que se póde apreciar devidamente a faculdade do estylo descriptivo do romancista brasileiro. Só em *Iracema* attingiu á pujança maxima a sua capacidade de descrever. Tambem não é opportuno tirar conclusões da applicação de semelhante processo de analyse. E' preciso dilatar o campo de observação, apreciar o desenvolvimento da sua faculdade expontanea e dominante, para se fazer a deducção dos meritos do escriptor, da fluencia e simplicidade do seu estylo descriptivo, considerando-se a obra em conjuncto.

Araripe Junior que melhor estudou o artista e a obra respectiva, classifica as duas novellas como denunciadoras do "periodo de verdadeira explosão", quando a inspiração era indomavel e superexcitada pela ancia de collimar o ideial. E, com muita propriedade, observa a tendencia do escriptor em concretisar "o garridismo e as faceirices da mulher" nessas novellas que são "duas miniaturas na fórma, no sentimento."

A *Viuvinha* foi escripta anteriormente, havendo o autor invertido a ordem chronologica da acção.

Depois do successo do primeiro romancete, resolveu José de Alencar refazer a outra novella já iniciada, adoptando a feição definitiva. Foi iniciada a publicação da novella, escripta dia a dia, nos folhetins do *Diario,* quando Leonel de Alencar estampou, sem sciencia do autor, na revista *Livro do domingo,* o ensaio primitivo. A consequencia desse acto irreflectido ou involuntario foi a interrupção do romancete, facto que contrariou os leitores do jornal.

Apezar dos insistentes pedidos para a conclusão do trabalho, foi suspensa a publicação, sendo o romance concluido tres annos depois, para apparecer em volume, juntamente com *Cinco Minutos.*

Como a sua irmã gemea, a segunda novella descreve scenas occorridas no Rio de Janeiro e desenvolve um entrecho simples e de facil urdidura.

Carlota fugia do seu amado e sacrificava-se, devido á molestia supposta incuravel. Jorge abandonou Carolina, em busca da morte, em a noite do casamento, porque recebera do ex-tutor a revelação da sua pobreza ou ruina financeira, depois de um periodo de gozos mundanos em que dissipou a herança paterna e comprometteu o credito da firma commercial de que fôra successor.

Em *Cinco Minutos* houve a milagrosa intervenção do clima da Italia, e "a aura impregnada de perfumes", emanada do golpho de Ischia, para restituir a saude a Carlota; em *Viuvinha* a ressurreição do suicida restituiu a felicidade de Carolina, depois da rehabilitação do nome de Jorge e da memoria paterna.

Em ambos os romancetes predominam o frescor e fluidez de estylo, perpassa um lyrismo suave e embalsamado que define o romantismo de Lamartine e de George Sand.

E' chegada a opportunidade de encarar a sua obra em conjuncto, perfeitamente classificada, afim de facilitar a analyse.

Classificação da obra

Romance: historico, da vida da cidade e do campo, indianista. — Pastoraes. Folhetins, Theatro. Critica. Escriptos politicos e juridicos. Eloquencia. Poesia.

Balzac iniciou a sua carreira de romancista em 1829, com a publicação de *Les chouans,* e só em 1841 esboçou o plano de uma obra de conjuncto a que denominou a comedia humana. Em 1845 foi esse plano delineado com a classificação dos romances já publicados e o projecto de escrever outros. Elle dividiu a comedia humana ou o estudo de costumes em scenas: da vida privada, da vida de provincia, da vida parisiense, da vida politica, da vida militar e da vida do campo.

A principio elle escrevia a esmo, desordenadamente, para corresponder a uma vocação e mesmo por necessidade. Depois que formulou o programma tardio, entregou-se á tarefa de refundir a obra publicada, adaptando-a ao delineamento traçado e curando melhor da fórma.

Não conseguiu, porém, levar a termo o projecto elaborado, deixando desfalcadas as partes constitutivas, com a simples indicação dos titulos dos romances.

Zola, com a série dos *Rougon-Macquart,* quando foi accusado de preparar successos de livraria, armando ao effeito de escandalo, es-

tampou em volume a arvore genealogica dos personagens dos seus romances e demonstrou possuir um plano previamente delineado e que foi cumprido á risca.

José de Alencar, quando foi torturado pela critica injusta que chegou a increparlhe o intuito subalterno de visar lucros pecuniarios, teve o mesmo gesto e escreveu o prefacio — *Benção paterna,* dos Sonhos de Ouro. Desafogou a magua que lhe causavam os acrimoniosos reparos dos seus inimigos gratuitos que lhe moviam verdadeira campanha diffamatoria, e escreveu:

"A literatura nacional que outra cousa é senão a alma da patria, que transmigrou para este sólo virgem com uma raça illustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço; e cada dia se enriquece ao contacto de outros povos e ao influxo da civilisação?

O periodo organico desta literatura conta já tres phases.

A primitiva que se póde chamar aborigene, são as lendas e mythos da terra selvagem e conquistada; são as tradições que embalaram a infancia do povo, e elle escutava, como o filho a quem a mãe acalenta no berço com as canções da patria, que abandonou."

Iracema pertence a essa literatura primitiva, cheia de santidade e enlevo, para aquelles que veneram na terra da patria a mãe fecunda — *alma mater,* e não enxergam nella apenas o chão onde pisam.

O segundo periodo é historico: representa o consorcio do povo invasor com a terra americana, que delle recebia a cultura, e lhe retribuia nos effluvios de sua natureza virgem e nas reverberações de um sólo esplendido.

Ao conchego desta pujante creação, a tempera se apura, toma alas a fantasia, a linguagem se impregna de modulos mais suaves; formam-se outros costumes, e numa existencia nova, pautado por diverso clima, vae surgindo.

E' a gestação lenta do povo americano, que devia sahir da estirpe lusa, para continuar no novo mundo as gloriosas tradições de seu progenitor. Esse periodo colonial terminou com a independencia.

A elle pertence o *Guarany* e as *Minas de Prata*. Ha ahi muita e boa messe a colher para o nosso romance historico; mas não exacto e rachitico como se propoz a ensinal-o a nós beocios, um escriptor portuguez.

A terceira phase, a infancia da nossa literatura, começada com a independencia politica, ainda não terminou; espera escriptores que lhe dêm os ultimos traços, e formem o verdadeiro gosto nacional, fazendo calar as pretenções hoje tão accesas de nos recolonisarem pella alma e pelo coração, já que não o podem pelo braço.

Neste periodo a poesia brasileira, embora balbuciante ainda, resôa, não já sómente nos rumores da brisa e nos echos da floresta, senão tambem nas singelas cantigas do povo e nos intimos serões da familia.

Onde não se propaga com rapidez a luz da civilisação, que de repente cambia a côr local, encontra-se ainda em sua pureza original, sem mescla, esse viver singelo de nossos pais, tradiições, costumes e linguagem, com um sinete todo brasileiro. Ha, não sómente no paiz, como nas grandes cidades, até mesmo na côrte, desses recantos, que guardam intacto, ou quasi, o passado.

O *Tronco do Ipê,* o *Til* e o *Gaucho* vieram dalli; embora no primeiro sobretudo, se note já, devido á proximidade da côrte, e á data mais recente, a influencia da nova cidade, que de dia em dia se modifica, e se repassa do espirito forasteiro.

Nos grandes focos, especialmente na côrte, a sociedade tem a physionomia indecisa, vaga e multipla, tão natural á idade da adolescencia.

E' o effeito da transição que se opera, e tambem o amalgama de elementos diversos.

A importação continua de ideias e costumes estranhos, que dia por dia nos trazem todos os povos do mundo, devem

por força de commover uma sociedade nascente, naturalmente inclinada a receber o influxo de mais adiantada civilisação.

Os povos têm, na virilidade, um eu proprio, que resiste ao prurido da imitação; por isso na Europa, sem embargo da influencia que successivamente exerceram algumas nações, destacam-se alli os caracteres bem accentuados de cada raça e de cada familia.

Não assim os povos não feitos; estes tendem como a criança ao arremedo; copiam tudo, acceitam o bom e o máo, o bello e o ridiculo, para formarem o amalgama indigesto, limo de que deve sahir mais tarde uma individualidade robusta.

Palheta, onde o pintor deita laivos de côres differentes, que juntas e mescladas entre si, dão uma nova tinta de tons mais delicados, tal é a nossa sociedade actualmente. Notam-se ahi, atravez do genio brasileiro, umas vezes embebendo-se delle, outras invadindo-o traços de varias nacionalidades adventicias; é a ingleza, a italiana, a hespanhola, a americana, porém especialmente a portugueza e a franceza, que todos fluctuam, e a pouco e pouco vão diluindo-se para invadir-se n' alma da patria adoptiva, e formar a nova e grande nacionalidade brasileira.

Desta luta entre o espirito conterraneo e a invazão estrangeira, são reflexos *Luciola, Diva,* a *Pata da Gazella* e tu, livrinho, que ahi vaes correr mundo com o rotulo de *Sonhos de Ouro.*"

Deprehende-se da leitura desse bello trecho de prosa que José de Alencar não teve propriamente em mira o intuito de classificar a sua obra. Procurou demonstrar que elle não foi um mero imitador da literatura estrangeira, segundo a accusação dos seus adversarios. Redigiu a sua defesa contra os rudes ataques dos detractores, criticos adventicios e improvisados, de encommenda ou apaixonados, que exploravam a sensibilidade e o amor proprio do artista, fazendo-o soffrer e procurando estancar a fonte do seu justo renome.

O autor dos *Sonhos de ouro* visou exclusivamente rebater os reproches, refutar as calumnias e defender a sua obra honesta e consciente.

Incidentemente classificou os seus romances, distribuindo-os pelas phases em que dividiu a nossa literatura, sem comtudo abranger a obra completa, pois limitou-se a apresentar exemplos.

Araripe Junior, quiçá o mais competente dos nossos criticos, não se conforma com a systematisação *post-factum,* como a qualifica, embora reconheça que a classificação é engenhosa. E' de admirar o reparo do autor do perfil literario de Alencar, porque a divisão apresentada é consentanea e está em perfeita harmonia com a directriz traçada na carreira artistica do autor do Guarany.

A leitura da chronica e da historia patria, o estudo do *folk-lore,* da lingua e da ethnographia, as suas primeiras tentativaas de romance, o caracter digressivo de sua obra, tudo nos induz a acceitar, como sincera, a profissão de fé.

Sylvio Romero que nunca perdera o ensejo de apresentar uma classificação, escreveu com referencia á obra de Alencar:

"Póde-se dizer que não ficou recanto do nosso viver historico-social em que elle não tivesse lançado um raio de seu espirito.

A vida das cidades em diversas épocas e varias camadas da população lá está — em *Azas de um anjo, Sonhos de Ouro, Pata de Gazella, Diva, Luciola, Senhora;* as scenas do existir dos selvagens puros — no *Ubirajara* e nos *Filhos de Tupan;* dos indios em suas relações com os colonos nos primeiros seculos da conquista — em *Iracema* e no *Guarany;* as scenas originalissimas dos pampas do Sul — no *Gaúcho;* as talvez ainda mais singulares dos sertões do Norte — no *Sertanejo;* a sociedade colonial — em *Minas de Prata,* na *Guerra dos Mascates* e no *Jesuita;* alguns aspectos da escravidão — em o *Demonio Familiar;* os das fazendas das zonas das matas—em *Tronco do Ipê* e *Til;* feições varias do nosso labutar politico — em *Cartas de Erasmo* e *Discursos parlamentares.*" (8)

---

(8) Sylvio Romero e João Ribeiro — Compendio de Historia da Literatura brasileira, pag. 272.

Ahi está *mutatis-mutandis* a classificação de Alencar, só faltando a divisão da nossa litteratura em periodos.

Outro critico notavel da nossa litteratura, o saudoso José Verissimo, participa da mesma opinião:

> "Fôra, porém, injustiça não reconhecer já que José de Alencar se não encerrou e inutilisou no indianismo. Si para elle o indianismo foi um meio capital de reacção brasileira contra o portuguezismo literario, não resumiu toda a nossa literatura, e os mais frisantes aspectos da nossa vida nacional tentaram o seu engenho e a sua penna.
>
> No *Gaúcho* estuda elle a natureza e a vida pastoril do sul do Brasil; no *Sertanejo,* a mesma vida nas regiões pastoris do norte; no *Tronco do Ipê,* no *Til* a vida agricola da parte do paiz, em que ella é porventura mais intensa ou pelo menos o meio em que se desenvolve essa vida; na *Pata da Gazella,* nos *Sonhos de Ouro,* na *Senhora,* na *Luciola,* na *Diva,* a vida artificial, futil, imitativa da capital que é a mais alta e nem sempre real expressão da civilisação nacional.
>
> Mas não é sómente na vida actual que elle pretende dar em livros admiraveis a impressão de sua alma de artista. Sedulo tambem, como a todo romantico, o passado, as origens desta nacionalidade de que elle foi, com todos os seus defeitos e suas qualidades, um dos mais eminentes e mais caracteristicos representantes.
>
> O Gu*arany,* as *Minas de Prata,* o *Garatuja,* obedecem a este intuito e procuram dar, como a arte o pode fazer, a physionomia de uma sociedade em formação, em um vasto paiz selvagem, e resultando do conflicto de uma raça civilisada e aventureira, com o gentio no primeiro estadio quasi de desenvolvimento humano, ás quaes a rapina e a conquista aggregava uma terceira, a negra, que viria ser um factor relevante da nova nacionalidade." (9)

E como é esse um ponto essencial do nosso estudo, antes de expendermos o nosso juizo definitivo sobre o thema em debate, julgamos interessante ouvir o parecer de um contemporaneo do autor de *Iracema*, como elle tambem romancista e reconhecido por todos como chefe da geração que lhe succedeu. Refiro-me a Machado de Assis que pronunciou um discurso no acto de se lançar a pedra fundamental do monumento erguido em uma praça publica do Rio de Janeiro.

Disse, com o seu proverbial atticismo, o sentencioso e fino autor de *Braz Cubas*:

> "O espirito de Alencar percorreu as diversas partes da nossa terra, o norte e o sul, a cidade e o sertão, a matta e o pampa, fixando-os em suas paginas, compondo assim, com as differenças da vida, das zonas e dos tempos, a unidade emocional da sua obra." (10).

Estamos agora em condições de operar a selecção de sua obra, agrupando os trabalhos que apresentam caracteres de semelhança ou analogia, e separando os de natureza distincta.

José de Alencar nos deixou um legado precioso, não só quanto á quantidade como á qualidade.

Elle produziu romances, folhetins, peças theatraes, critica, escriptos politicos e juridicos, discursos e poesia.

Os romances que delle conhecemos, são os seguintes, na ordem chronologica de publicação:

Cinco minutos, A Viuvinha, Guarany, As minas de prata, Luciola, Diva, Iracema, O gaucho, A pata da gazella, Guerra dos Mascates, O tronco do Ipê, O ermitão da Gloria, Alma de Lazaro, Garatuja, Senhora, Ubirajara, Til, Sertanejo, Encarnação. (18). Ha ainda dois fragmentos de romances, publicados respectivamente pela *Revista da Academia Brasileira de Letras* e pela *Revista do Centro de Sciencias, Artes e Letras,* de Campinas. São: *O pagem negro* (4 capitulos) e *Um desejo* (projecto de romance). (11)

Os folhetins, collaboração hebdomadaria do *Correio Mercantil,* foram enfeixados em

---

(9) José Verissimo — Estudos brasileiros. 2.ª serie, 1894, pag. 155.

(10) Machado de Assis — Paginas recolhidas, pag. 129.

(11) Ultimamente a Revista do Brasil publicou o fragmento "A neta de Anhanguera".

volume sob a mesma epigraphe — *Ao correr da penna.*

Na literatura dramatica herdamos: *O demonio familiar,* comedia em 4 actos, *Verso e reverso,* comedia em 3 actos, *As azas de um anjo,* comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo; *A noite de S. João,* comedia lyrica em 2 actos; *Mãi,* drama em 4 actos; *Expiação,* comedia em 4 actos; *O jesuita,* drama em 4 actos; *Credito,* comedia em 5 actos (8).

A critica mereceu a sua attenção desde o tempo de estudante. Deixou-nos as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* e *O novo cancioneiro,* alem de artigos avulsos, publicados nos jornaes.

Os seus escriptos politicos são: *Carta aos eleitores do Ceará; Ao Imperador; Ao Povo* (cartas de Erasmo), *Pagina da actualidade, Os partidos, O juizo de Deus-Visão de Job; A viagem imperial; Voto de graças,* alem dos discursos parlamentares, do relatorio do Ministro, de artigos esparsos e de biographias de estadistas brasileiros.

A sua obra de jurisconsulto não é vasta, porque a literatura e a politica absorveram o cultor do direito. Escreveu: *Uma these constitucional, Questão de habeas-corpus, O systema representativo, A propriedade* e *Esboços juridicos,* alem de outros trabalhos inéditos.

Na eloquencia manifestou o seu talento, quando desempenhou as funcções de representante do Ceará na Camara dos Deputados e quando exerceu a sua acção de Ministro da Justiça. Os seus discursos foram reunidos em dous volumes: *Discursos proferidos na Camara dos Deputados e no Senado na sessão de 1869, Discursos proferidos na sessão de 1871 na Camara dos Deputados.*

De poesia só conhecemos o poema inacabado *Os filhos de Tupan,* publicado na Revista da Academia Brasileira de Letras.

Para maiores esclarecimentos e com mais detalhe, organisamos a relação que fornece a bibliographia do autor, incluindo trabalhos ineditos e esquecidos nos jornaes.

Feita a classificação da obra em generos, devemos nos preoccupar do estudo systematico dos romances.

Podem ser divididos em quatro grupos: romance historico, romance da vida da cidade, romance da vida campesina e lenda indianista ou pastoral.

A feição do primeiro grupo não é subordinada aos moldes do romance historico como foi comprehendido em França por varios escriptores, principalmente por Dumas, nem mesmo ao feitio da obra de Walter Scott que aproveitou a historia da Escossia, interpretando com fidelidade os costumes, pintando os scenarios com exactidão, mas modernisando a acção e polindo os sentimentos dos personagens. "Walter Scott s'arrête sur le seuil de l'âme et dans le vestibule de l'histoire, ne choisit, dans la Renaissance et le Moyen âge, que le convenable et l'agréable, efface le langage naïf, la sensualité débridée, la ferocité bestiale.", disse Taine na *Histoire de la Littérature Anglaise.* Em seus romances é despresada a psychologia da historia, esquece o verdadeiro caracter das personagens, modernisando protagonistas e comparsas; mas reproduz com carinho de artista o meio, os habitos e as scenas. Conserva inalteravel, auxiliado por um meticuloso estudo da historia da época, a parte estatica dos seus romances; mas devaneia o aspecto dynamico, modifica a acção, esbatendo o entrecho ao sabor da imaginação versatil, da phantasia de artista.

Alexandre Dumas explorou mais a parte anedoctica da historia, descrevendo façanhas de heróes de quilates variaveis e intrigas de alcova.

Foi, porém, oriunda do autor de *Ivanhoé* a influencia exercida no espirito de Alencar, como já se fizera sentir nos centros cultos da Europa.

O grande successo do romancista escossez reflectiu-se em França e ao lado das imitações rasteiras, desprovidas do surto de inspiração, imprimiu acertada orientação ao movimento literario, chegando a produzir um monumento de fino lavor que, se não ultrapassou, nivelou-se aos moldes da galeria em que figuram "Waverley" e "Quentin Durward". Referimo-nos a "Notre Dame", de Victor Hugo.

Na Italia Manzoni excedeu o mestre na comprehensão do romance historico, quando escreveu "I promessi sposi", admiravel representação de uma época historica.

O reflexo em Portugal actuou fracamente em Garrett e de modo mais decisivo em A. Herculano que participou tambem de outras correntes de influencia.

O romantismo brasileiro, derivado directamente de Portugal e da França, soffreu tambem o impulso dominante, preoccupando o espirito de José de Alencar que hauriu a inspiração na fonte principal e recebeu o influxo mediato.

O autor das *Minas de prata* lêra e apreciava as obras de Scott, de Hugo e Herculano e provavelmente conhecia Manzoni. Mas, desde a adolescencia, estudou a historia patria, procurou coordenar a tenue e pallida tradição do nosso povo, esquadrinhou a chronica, esmerilhou o nosso passado, investigou as nossas origens e pesquizou os elementos de formação da nossa nacionalidade. E por isso conseguiu imprimir um cunho de nacionalismo, intervindo com o contingente selvagem poetizado e temperando o desenvolvimento da acção com leve condimento de historia. O *Guarany* é o exemplo frisante dessa modalidade de romance historico.

Feição mais accentuada nota-se em *Minas de prata* onde o autor circumscreveu o enredo em torno de uma lenda ou facto que constituiu o espirito de conquista e de cobiça, manifestado pelos portuguezes, desde o inicio da era colonial.

Os metaes e pedras preciosas despertavam o maximo interesse aos colonisadores do Brasil e ao governo da metropole.

Ainda a esse genero de romance pertencem *A guerra dos Mascates,* o *Pagem negro* (incompleto) e as chronicas dos tempos coloniaes: *O garatuja, O ermitão da Gloria* e a *Alma de Lazaro.*

Continuando e desenvolvendo o espirito nativista de Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, Alencar escreveu *Iracema* e *Ubirajara,* lendas indianistas que têm o sabor das pastoraes. São verdadeiros poemas em prosa ou romances lyricos.

A vida mundana das cidades, nos salões de baile e na platéa dos theatros, no omnibus, na rua do Ouvidor ou nos habitos elegantes da sociedade, teve a sua representação em *Cinco minutos, A Viuvinha, Luciola, Diva, A pata da gazella, Sonhos d'ouro, Senhora, Encarnação* e *Um desejo* (incompleto).

O autor ensaia uma psychologia rudimentar, diluida em agua assucarada e embalsamada pela fragancia das flores, o aroma da brisa e o halito das virgens. E' o culto do *coquettismo,* da faceirice, das innocentes intriguinhas amorosas e da graça feminil.

Finalmente, apparece a galeria dos quadros sertanejos, a vida bucolica onde, ao lado de alguma observação fiel, devaneia o espirito do autor, atravez de temperamentos varios, sempre rendendo culto ao encanto da mulher.

São desse grupo: *O gaucho, O tronco do ipé, Til* e *O sertanejo.*

Feita a classificação da obra, avultada em numero e em variedade, volvamos as nossas vistas para apreciar cada genero de per si, iniciando o nosso estudo pelo caracter dominante do escriptor.

(*Continúa*).

José Martiniano de Alencar

Arthur Motta

O ROMANCISTA

(Apreciação succinta dos romances, de accôrdo com a classificação esboçada – Os seus processos de romancista — Os effeitos e as causa)

PONDO de parte o caso esporadico de Nuno Marques Pereira que, nos tempos coloniaes (1725) escreveu o "Peregrino da America", (1) a primeira manifestação do romnace no Brasil operou-se em plena phase do romantismo, depois de 1830.

Disputam a primazia chronologica no genero D. Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manoel de Macedo, J. M. Pereira da Silva, Martins Penna e J. Norberto de Souza e Silva.

Sylvio Romero, na Evolução da Litteratura Brasileira, enumera Gonçalves de Magalhães em primeiro logar, citando a novella "Amancia" na phase de inicio directo com o romantismo (1840-1856). Mas essa novella foi publicada na "Minerva Brasiliense" em 1844 e o proprio autor, segundo os informes prestados a Ferdinand Wolf, não a considera como a primeira manifestação do romance no Brasil. (2)

Macedo escreveu "O Forasteiro" em 1839 e deixou-o inedito até 1855. Publicou o primeiro romance (Moreninha) em 1844.

Pereira da Silva, segundo a declaração que faz no prefacio de Jeronymo Côrte Real, publicou esse romance de assumpto portuguez, em 1840, no Jornal do Commercio, colligindo-o em volume 25 annos mais tarde. Tambem deu á luz da publicidade um esboço de romance historico "O anniversario de D. Miguel em 1825" e uma novella "Religião", "Amor e Patria", ambos em 1839.

Martins Penna desviou-se da sua tendencia natural e expontanea para o theatro, ensaiando o romance historico com "Duguay Trouin", em 1840. (3)

Joaquim Norberto, o autor dos "Romances e novellas", fez apparecer a sua primeira novella, "As duas orphãs", em 1841.

Podemos, portanto, dar a primazia, em ordem chronologica, a Pereira da Silva, embora reconheçamos que elle não contribuiu para a formação do romance brasileiro. Os seus pallidos ensaios subordinam-se ao modelo do romance historico, exploram assumpto portuguez e assimilam-se mais ao genero de chronica do que ao novellistico ou de ficção.

A Teixeira de Souza cabe indubitavelmente o titulo de fundador do romance do Brasil, pondo de parte o apêgo e respeito absolutos pelas datas e não intervindo com a timidez ou inadvertencia de Macedo que conservou inedito o seu primeiro trabalho durante 16 annos.

Mas, em assumpto dessa natureza, não se pode emprestar tamanho rigor á precedencia, pois não se trata de uma descoberta scientifica ou de um invento industrial. Não é licito affirmar que o autor da primeira novella influisse no espirito dos escriptores que continuaram a cultivar o genero. Não houve originalidade no methodo de composição, importado da Europa, e por conseguinte só nos interessa a adaptação á litteratura brasileira.

E' por esse motivo que José Verissimo, com justiça, empresta a Teixeira de Souza o qualificativo de creador do romance adstricto aos typos, paysagens e costumes brasileiros.

Reservamos, porem, a Macedo funcção saliente por elle exercida, conforme demonstraremos em occasião opportuna.

A primeira pleiade de romanticos, tendo Gonçalves de Magalhães na vanguarda, succedeu a segunda geração a que pertenceu José de Alencar. O autor de Iracema appa-

---

(1) Sylvio Romero considera essa obra como pertencente á litteratura de cordel, representando o periodo precursor do romance, juntamente com os contos populares. José Verissimo contesta, a nosso vêr com razão, esse caracter de genero novellistico ao livro que só tem por intuito propagar principios de religião christã e corrigir costumes dos contemporaneos.

(2) F. Wolf — Histoire de la Littérature Brésilienne,, pag. 168.

(3) Duguay — Trouin, romance historico publicado na *Sentinella da Monarchia* ou no Correio de 1840 em diante segundo affirma o Dr. José Francisco Vianna, parente do autor.

Sacramento Blake. — Diccionario bibliographico. Vol. 5, pag. 377.

rece na liça sobre o patrocinio de Francisco Octaviano, mas permaneceu isolado, longe do convivio das *coteries*, trabalhando no recesso do lar ou na redacção do jornal, mas sempre arredio e afastado dos grupos. Era dotado de um temperamento concentrado, de genio pouco expansivo, contrastando com o caracter nimiamente communicativo do nortista e do brasileiro em geral.

Possuia admiradores e amigos dedicados, mas preferia a acção isolada.

Não foi socio do Instituto Historico, como o foram quasi todos os romanticos, seus contemporaneos, e como sóe acontecer a quasi todos os litteratos brasileiros, desde a fundação desse importante centro de intellectualidade fundado por Januario da Cunha Barbosa e outros. Não collaborou, portanto, na conceituada revista trimensal, como tambem não fez em outros publicações litterarias da época.

Limitou-se a collaborar no *Jornal do Commercio* e *Correio Mercantil* e a dirigir o *Diario*.

Mesmo para a defesa da sua attitude politica no gabinete de 16 de Julho não procurou conquistar as sympathias de um jornal correligionario. Preferiu fundar o orgão, definido pela data da sua ascenção politica, de parceria com o seu irmão.

Nunca frequentou a "*Petalogica*", nome pelo qual era conhecida a pequena livraria de Paula Brito, verdadeiro cenaculo litterario das duas gerações de romanticos. Ahi, no largo do Rocio, publicava-se a "Marmota" e reuniam-se Teixeira de Souza que foi empregado de Paula Brito, Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre, Laurindo Rabello, Macedo, Machado de Assis, Quintino Bocayuva, Casimiro de Abreu e muitos outros poetas, litteratos, e até politicos, pois Paula Brito alem de typographo, livreiro e escriptor, era tambem nacionalista e cabo eleitoral.

Attrahido pela vocação manifestada desde a mais tenra idade e acudindo ao appello de F. Octaviano, fez a sua estreia no *Correio Mercantil*, occupando as paginas menores do jornal com os seus folhetins hebdomadarios "*Ao correr da penna*".

Mas o publico só conheceu a sua feição de romancista, quando elle dirigia o Diario do Rio de Janeiro onde publicou *Cinco Minutos*, parte de *Viuvinha* e o *Guarany*.

Seguindo a corrente de ideias, dominante na Europa, cujos elos foram ligados ao nosso paiz por Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias, os principaes factores da reforma litteraria, José de Alencar assumiu posição eminente e occupou logar distincto, contribuindo para imprimir verdadeiro cunho de nacionalismo á nossa litteratura.

Succedendo aos romancistas da primeira geração que apenas ensaiaram o novo genero, Alencar abriu larga brecha, destacou-se dos seus contemporaneos e tornou-se o coriphêo do novo genero litterario implantado no Brasil.

O novo paladino apresentou, como patronos do seu programma de reacção, os vultos de Chateaubriand, Walter Scott e F. Cooper.

Do escriptor francez elle soffreu a influencia principal da esthetica. São o encanto e o frescor de colorido em suas descripções; é o enthusiasmo pela natureza, pelo bello e pelos sentimentos nobres; é a esthesia perante o espectaculo grandioso, que se manifestaram em Guarany, Iracema e Ubirajara. Do autor de Ivanhoé recebeu o influxo de veneração pelo passado, pesquizando a tradição atravez das chronicas e das paginas da nossa historia patria; teve o bafejo de inspiração, reconstituindo tempos idos e vividos, em busca de typos abstractos ou subjectivos que traduzissem o nosso sentir e representassem a nossa alma.

Fez-se perdurar essa tendencia ainda nos romances citados e principalmente em Minas de Prata, nos Alfarrabios (Garatuja etc.) e em *Guerra dos Mascates*.

O caracter nacionalista de sua obra, o estudo dos typos regionaes, a predilecção pelas marinhas em *Contrabandistas* e *O ermitão da Gloria*, o impulso da emancipação da nossa litteratura e da nossa lingua, dando-lhes feição propria e independente da antiga metropole, são predicados que evoluiram do escriptor norte-americano.

Os lineamentos do romance historico de Alencar são muito differentes dos que caracterisam a obra dos seus mestres citados e divorciam-se inteiramente dos seus predecessores em Portugal e no Brasil. Elle não seguia a trilha de Alexandre Herculano, Pereira da Silva, Martins Penna, Macedo e Joaquim Norberto. Preparou a fusão do lyrismo brasileiro com as scenas historicas; romantisou os personagens; pintou as paysagens com tintas originaes, preparadas na palheta de sua fertil imaginação; fez o amalgama dos factores da sua individualidade, realisando um typo composto, um caso de perfeita evolução, actuando como resultante de varios componentes.

Constituiu, portanto, uma individualidade propria.

Em Guarany elle visou as origens da nacionalidade brasileira, creando o symbolo do nosso passado nobre, da aristocracia portugueza, nas figuras de D. Antonio de Mariz, o fidalgo austero de rigidos principios de moral; e de Alvaro, o cavalheiro cortez e de sentimentos puros, corajoso e delicado, intre-

pido e amoroso. O typo de aventureiro audaz e ganancioso, caracterizando o emigrante europêo sem escrupulos, á cata de fortuna e posição, é representado na figura antipathica de Loredano. O elemento indigena que melhor devera ser assimilado pelo invasor foi idealisado em Pery que é uma figura subjectiva, um perfeito symbolo representativo dos aborigens, do selvagem nativo que acolheu o conquistador e foi por elle agredido e perseguido, resultando o conflicto que ainda hoje perdura, entre a raça branca e o gentio.

A imagem poetica e meiga de Cecy, cheia de ternura e de bondade impregnada, synthetisa o typo feminino natural do nosso meio, symbolisa a mulher brasileira amorosa, docil, sentimental e carinhosa.

Concebendo desse modo o Guarany, não participamos da opinião dos nossos criticos que, exceptuando Araripe Junior, condemnaram o indianismo de Alencar.

Por ser demais popular e conhecida a creação do Guarany, dispensamo-nos de expôr o entrecho e de transcrever trechos que definam o estylo e attestem as bellezas contidas no romance.

Quem desconhece a descripção do *Paquequer*, o capitulo — A prece — e tantas outras bellas paginas do livro?

Não approvamos os processos criticos que rebuscam inspirações e imitações nos minimos detalhes da concepção de um autor honesto e de individualidade propria. Deixamos por isso de estabelecer confrontos entre o *Paquequer* de Alencar, o *Meschacebé* de Chateaubriand, o *Glenn* de Cooper e o *Salia* de Herculano.

Tambem não encontramos semelhança entre Ivanhoe e D. Antonio de Mariz, nem entre o solar do fidalgo portuguez e os castellos de *Kenilworth* ou de *Lamermoor*.

Para nós, Guarany é o poema commemorativo da formação da nacionalidade brasileira; é o hymno que canta a natureza, a terra virgem, recamada de densa floresta e sulcada de rios caudalosos que serpeiam entre alcantis e despenham-se em massa, de grandes alturas, precipitando-se sobre rochas anfractuosas.

Nesse romance ostenta-se o estylo descriptivo do autor que só logrou exceder, em Iracema, a pintura das paysagens. O curso do *Paquequer*, a descripção do solar e arredores, a luta do indio com o tigre, os typos de Cecilia e Izabel, a prece e por todas as paginas do romance, até o poetico e mysterioso epilogo, tudo é desenhado com mão de mestre, realçando o colorido das tintas, quer na representação dos scenarios, quer nos traços das figuras.

A acção passa-se á margem do Paquequer, affluente do Parahyba, em 1604.

A parte historica do romance prende-se á figura de D. Antonio de Mariz, fidalgo portuguez, companheiro de Mem de Sá na fundação do Rio de Janeiro, na repressão do dominio dos invasores francezes e nas pelejas contra os selvagens.

Esse personagem define a época e caracterisa os costumes no desenvolvimento da acção entre os civilisados. O grupo de lusitanos, comprehende os aventureiros de outra nacionalidade, representa o elemento conquistador, usurpando o sólo dos indigenas, explorando as riquezas naturaes da região desconhecida e implantando o dominio portuguez nas immensas terras do Brasil.

Ao lado do elemento invasor apparece o selvicola sedento de vingança, porfiando na reconquista das suas florestas, luctando para assegurar a sua liberdade e tentando rechaçar os assaltos do inimigo.

E' a tribu dos Aymorés que o autor apresenta assediando a morada do fidalgo, para vingar a morte dos seus semelhantes sacrificados.

Mas a parte poetica do romance consiste na adoração do bravo goytacaz pela virgem de olhos azues e de cabellos de ouro. Perpassa atravez das paginas do romance uma inspiração subtil que traduz o amor fetichista do selvagem. Cecy magoou o coração de Pery; a graça, a belleza e os encantos da virgem branca domaram a força e a astucia do selvagem.

Outro episodio historico prende-se ao roteiro de Roberio Dias sobre as minas de prata da Bahia. Foi o thema escolhido para o segundo romance historico.

A acção de *As Minas de prata* desenvolve-se nos primeiros annos do seculo XVII, em plena phase de colonisação da terra encantada, cem annos antes descoberta pelos navegantes portuguezes.

O scenario do romance é a Bahia, séde do governo geral e fóco de attracção das forças vitaes da colonia, para onde convergiam os cuidados e as attenções da metropole.

O autor aproveita o ensejo para desenhar, com maestria e sem a preoccupação que teria um chronista, a ostentação, a prodigalidade e o fausto nababesco dos que podiam alardear nas sumptuosidades do luxo alimentado pelos fartos rendimentos dos senhores de engenho.

De um lado a abundancia referida por Gabriel Soares no *Tratado descriptivo do Brasil*, de outro a influencia e riqueza poderosa da igreja, acoroçoados pelos fervores da religião, davam á pequena cidade de S. Salvador a importancia aquilatada pelos chronistas e viajantes.

Reporta-se o autor á occasião da chegada do novo governador geral, D. Diogo de

Menezes, removido da capitania de Pernambuco, para apresentar a população heterogenea nas festas de pompa magestosa, celebradas na igreja, no terreiro do Collegio, nas praças e vias publicas, adornadas com esmero. E com estylo a caracter, á feição dos classicos, descreve as cerimonias da missa cantada e a attitude da multidão de fieis, mostrando como se comportavam as beatas de mantilha e como resavam as beatinhas, vestidas á andaluza, com vasquinhos e gibões de setim ou damasco, tendo o rosto occulto por longo véo.

Nesse tempo exerciam os jesuitas campanha meritoria em prol dos selvagens, defendendo-os contra a classe nobre e rica dos senhores do engenho que os queriam sujeitar á servidão, e desenvolvendo a acção piedosa da catechese. Mas aproveitavam a apparencia da propaganda christã para acobertar os seus designios politicos, intervindo geitosametne na orbita do poder temporal, avocando a si a maior parcella de predominio, praticando funcção assessorial perante os administradores publicos, implantando verdadeira supremacia sobre as diversas classes sociaes e governando familias e individuos.

Cuidavam, como ainda hoje, de fortalecer o seu magico poder directivo, accumulando riquezas e dilatando o dominio sobre a humanidade.

José de Alencar offerece-nos um exemplo da mais requintada astucia, coadjuvada por intelligencia robusta e arguta perspicacia, a serviço da causa jesuitica, na apprehensão do famoso roteiro de Roberio Dias, indicativo do thesouro das minas de prata.

O padre Molina é o vulto representativo da sagacidade dos religiosos congregados na ordem fundada por Santo Ignacio de Loyola.

Para oppôr obstaculo á tactica do jesuita, surge a figura do licenciado Dr. Vaz Caminha, o dedicado professor de Estacio. Mestre e discipulo, perfeitamente alliados, desenvolvem o plano de defesa contra a cobiça do religioso em possuir o roteiro das minas de prata.

Apparecem no romance muitos personagens, destacando-se os que foram citados, alem de Ignesita, Elvira, Christovão de Avila, o pagem Gil e Joanninha, a alfeloeira.

A' intelligencia e aos ardis do padre e do licenciado contrapõe-se a coragem e o cavalheirismo dos dous amigos inseparaveis, Estacio e Christovam, mancebos da mesma raça e temperamento identico ao de Alvaro, do *Guarany*.

Ignesita e Elvira substituem Cecy e Isabel, merecendo do autor os mesmos carinhos e cuidados na descripção dos respectivos perfis, fazendo sobresahir a gracilidade, a innocencia, e a belleza dos typos femininos.

Não possuem menos encantos as figuras da travessa e maliciosa alfeloeira e do amoroso e destemido pagem.

Mas não é só o desenho dos personagens que merece destaque ou menção especial; ha tambem scenas admiravelmente bem descriptas, como a da *cavalhada*, festejo tradicional, já quasi esquecido, que só mereceu referencias de Alencar e Macedo.

Já assistimos, em nossa infancia, a varios torneios dessa natureza, entre mouros e christãos. Foi na cidade de S. Matheus (Estado do Espirito Santo) onde todos os annos eram solemnisadas duas datas catholicas com as apreciadas *cavalhadas*.

E' pena que se não cultive a tradição em o nosso paiz. Os torneios referidos podiam constituir o divertimento predilecto dos rapazes de hoje, que formam sociedades hippicas, limitando-se a transplantar para o nosso meio a insipida caçada da raposa.

O segundo romance historico de Alencar demonstra mais nitida comprehensão do nosso passado, obedecendo á influencia ancestral, como dizem os francezes. Subordina-se melhor ás narrativas dos chronistas, reproduzindo costumes de antanho, estudando com maior attenção os elementos constitutivos da nossa nacionalidade e reconstituindo os scenarios dos tempos coloniaes.

Mas, se o romancista evoluiu no processo e melhor adaptou o estylo ao genero, moderou a inspiração ou o surto poetico que attingiu á meta de perfeição no Guarany.

Não ha em *Minas de Prata* nada que se compare ao delicioso epilogo que lembra a tradição indigena do diluvio de Tamandaré.

Ha no segundo romance phantasias de máo gosto, como por exemplo a dos tres selvegens: Olho, Ouvido e Faro. São concepções mais proprias para os contos infantis de Perrault ou de Grimm.

Como essa, outras manifestações de inverosimil e de extraordinario ha nos romances de Alencar. Parece que elle arrosta intencionalmente esses escolhos, com o intuito de vencer difficuldades, patentear o seu genio pittoresco e idealisar os seus personagens com o poderoso engenho de sua imaginação. Exemplos dessa natureza pullulam nos seus romances. A's vezes, nas scenas mais simples, nos casos mais particularisados ou nas descripções mais singellas, elle attinge á situação imprevista, generalisa um symptoma psychologico, complica o facto ou altera o matiz e a tonalidade da paysagem.

A lucta de Pery com o tigre, a intervenção do indio para salvar a vida de Cecy, em varias emergencias (no Guarany); o incendio da matta e as scenas do sertanejo com a onça e Aleixo, nos galhos das arvores (no Sertanejo); a fascinação de Bertha pela serpente, a peleja de João Féra com os quei-

xadas e innumeros factos (em Til); varias situações em Diva, Luciola, Senhora; emfim, manifestações analogas em todos os romances.

As *Minas de Prata* não podiam escapar á influencia e apresentam exemplos multiplos de divagações imaginativas e de exaggeros no estylo pittoresco: o torneio no terreiro do Collegio, a peleja do capitão do matto para salvar a vida de Christovão, as proezas de Vilarzito, a evasão de Estacio do carcere, a acção dos tres sentidos, a viagem ao Rio no bergantim e muitas scenas são attestados das nossas asserções.

O romancista afasta-se da directriz traçada, abandona o processo que o devia guiar no genero historico e envereda-se por meandros, para invadir o dominio do romance de capa e espada.

E nos surtos que o conduzem a essas paragens, devaneia como poeta, deixa-se conduzir por verdadeiro arroubo de imaginação para depois retornar o fio emmaranhado, despertando do enlevo.

Araripe Junior considera, com acerto a nosso vêr, esse romance superior a *Os mysterios de Paris*, *O conde de Monte Christo*, *Os Mohicanos* e *Os mysterios do povo* e conclúe:

> "Si o merecimento de obras semelhantes está essencialmente na illusão que podem causar as disposições do contraregra, os alçapões bem manejados, as machinas corrediças, as mutações rapidas, as decorações, as ribaltas, desafios e duellos a proposito, scenas de calabouço, caçadas vertiginosas, *rendez-vous*, evasões, perseguições por amor, dedicações cavalheirescas, conspirações abortadas, *As Minas de prata* são sem contestação uma obra prima". (4)

A esses processos romanescos e ao genero novellistico conhecido sob a denominação de capa e espada, allia o autor do romance brasileiro a feição nacionalista, tentando reconstituir episodios e costumes, factos e physionomia do nosso passado, na era colonial. Lendo com afinco as obras de Gabriel Soares, Fernão Cardim e outros chronistas, cultivando os classicos quinhentistas e seduzido pelo estudo da ethnographia selvagem, consegue explanar a sua concepção esboçada no Guarany, encarando a formação da nossa nacionalidade em face dos elementos integrantes, emprestando ao estylo modalidades caracteristicas e não despresando o seu culto pelo lyrismo indianista.

Em 1873 appareceu o terceiro romance historico, "O Garatuja", composto annos antes, segundo affirmação do autor. (5)

De todos os trabalhos congeneres é o que mais se subordina á chronica dos tempos coloniaes, merecendo do autor essa classificação em sub-epigraphe. E' o primeiro volume da serie denominada *Alfarrabios*, cujo tomo segundo encerra duas novellas.

Alencar pretendia explorar o genero, continuando a publicar outros volumes dos *Alfarrabios;* e certamente deixou ensaios entre os ineditos conservados pelo seu filho.

Para attestar o cunho historico da narrativa, o romancista indica uma das fontes:— *Annaes do Rio de Janeiro*, pelo Dr. Balthasar da Silva Lisbôa.

Não tivemos ensejo de consultar o tomo referido, o terceiro, pois não encontramos a obra em S. Paulo; mas a impressão causada pela leitura nos incutiu a convicção da authenticidade de alguns personagens, como por exemplo a trindade constituida pelo licenciado João Alves, o bacharel Mendes Duro e o frade franciscano João de Lemos.

Os typos desenhados com mais esmero são os de Garatuja, Martha e da Snra. Poncia da Encarnação.

O primeiro é um mixto do Gavroche e do Leonardo do "*Sargento de Milicias*".

O engeitado Ivo, conhecido sob a alcunha de Garatuja, por ser um artista expontaneo que matava o tempo borrando paredes e pintando telas, é o verdadeiro representante da raça dos garotos. Era o *enfant terrible* da cidade de S. Sebastião, perseguindo os padres e as beatas, divertindo-se em matar passarinhos e praticar outras maldades.

Manejava o pincel com habilidade, transformando-o em arma de satyra ferina e tornando-se temido de todos, até que se inebriou pelos olhos negros de Martha, a sua companheira de travessuras, sujeitando-se ao sacrificio imposto de abandonar o *baixo mister de pintura*, para se dedicar exclusivamente, ao cartorio do sogro onde exercia o officio de escrevente e preparava-se para desempenhar as funcções de tabellião.

Era como Gregorio de Mattos na Bahia, o terrivel satyrico que, em vez de compor decimas ou glosar motes, debuxava figuras allegoricas, garatujas e caricaturas, castigando as fraquezas alheias.

Nas veias de Martha corria o mesmo sangue que estuou mais tarde nas arterias da dissimulada Capitú, creação de Machado de Assis em D. Casmurro.

A Snra. Poncia da Encarnação, figura de beata maldizente, lingua afiada "que fazia vida de regateira, mas não se occupava de

---

(4) Araripe Junior — *José de Alencar, perfil litterario.*

(5) "*O Garatuja* estava feito; faltava-lhe apenas a fórma", diz o autor em nota appensa ao 1.º vol. da Guerra dos Mascates, pag. 181.

outra cousa senão de espreitar por detraz da rotula o que ia pela rua, para enredar os visinhos e fallar mal da vida alheia", é um representante do realismo.

O Garatuja e *Memorias de um sargento de milicias* de Manuel de Almeida constituiram talvez as primeiras manifestações do romance naturalista do Brasil. O romance de Alencar tem graça, encerra typos bem estudados, reproduz costumes e prima pela fórma e leveza de espirito. O trabalho de Manoel de Almeida é mais expontaneo, affecta com mais propriedade os moldes do naturalismo e estuda melhor os caracteres dos personagens.

Como reconstituição do passado tambem o segundo sobreleva o primeiro; mas confessamos a nossa predilecção pelo Garatuja, uma das mais felizes concepções do romancista cearense, sob o ponto de vista do processo artistico.

O segundo volume dos *Alfarrabios*, ou chronica dos tempos coloniaes, contem duas novellas: *O ermitão da Gloria* e *Alma de Lazaro*. (6)

Em 1608, trinta e tres annos depois de fundada a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, desenvolve-se a acção do primeiro romancete. Nesse tempo os fracezes já haviam sido expulsos da formosa bahia onde construiram o forte de Coligny.

Entretinham-se, porém, na costa e mantinham uma feitoria em Cabo Frio onde passavam contrabandos e faziam o trafego do pau-brasil.

Os portuguezes moviam tenaz perseguição aos invazores, bem como aos flamengos e inglezes, organisando expedições maritimas com os recursos de que dispunham. E, para facilitar a acção repressiva, permittiam que os colonos exercessem o corso contra os rivaes.

Aproveitando-se dessa passagem da nossa historia,, Alencar descreve a vida maritima com todo o detalhe, dando liberdade ao seu estylo descriptivo e tendo azo de praticar os processos de Cooper, como já o fizeram com os "Contrabandistas", trabalho consumido pelo fogo. Assim succedem-se descripção de borrasca, scenas de combate e façanhas maritimas, a par de um simples entrecho romantico, caso de um amor mal succedido, de Ayres de Lucena pela filha de um corsario francez que elle venceu. Morre a jovem na egreja, quando se realisavam as suas nupcias com Antonio Caminha, e Ayres de Lucena fez-se ermitão.

Não representa essa novella o minimo interesse historico, limitando-se a aproveitar a lucta entre corsarios, quando os francezes cobiçavam as riquezas naturaes do Brasil, e a fundação da ermida de N. S. da Gloria, no outeiro do Cattete.

A outra novella é o fructo das reminiscencias historicas do autor, quando esteve em Olinda, evocando o passado junto ás ruinas do antigo convento de S. Francisco, do collegio dos Jesuitas e dos fortes do Mar e S. Jorge.

A mesma impressão sentimos, quando de passagem pelo porto de Cabedello, visitámos o forte construido pelos hollandezes, rememorando o periodo das luctas com os batavos e a tenacidade manifestada pelos luzo-brasileiros que conseguiram expulsar o elemento invasor.

Uma noite em que o autor sonhava no adro do vetusto convento, encontrou-se com um velho pescador que lhe narrou a triste vida de um morphetico, isolado do mundo pelo asco e pavor que incutia nos semelhantes.

Descobriram uma caixa de folha que guardava uma memoria sobre episodios da guerra hollandeza e um diario de lazaro.

A segunda parte da novella reproduz o diario ou ristoria do soffrimento pungente de um infeliz que se encontrou abandonado de todos, inclusive dos entes caros que lhe deviam uma insignificante parcella de piedade e de sentimento caridoso.

E' triste lembrarmo-nos que na escala dos soffrimentos humanos subsistem alguns que não logram lenitivo e permanecem esquecidos da sciencia e da caridade.

Quanto orgulho vão! quanta vaidade estulta!

A ultima producção de Alencar, classificada no genero de romance historico, é a *Guerra dos Mascates*. Foi escripta na segunda phase da sua carreira litteraria, quando elle adoptou pseudonymo — *Senio* — (7).

Essa rebelião foi mais que um symptoma de nativismo: attingiu a uma verdadeira manifestação de nacionalismo, acrisolado pela guerra hollandeza.

A cidade de Olinda soffreu as consequencias dos combates, sendo quasi arrasada, e a de Recife prosperou, supplantando a sua visinha. D'ahi surgiram as rivalidades entre os senhores de engenho que representavam a aristrocacia pernambucana e os negociantes portuguezes estabelecidos na povoação maritima, conhecidos sob a alcunha pejorativa de *Mascates*.

Com o florescimento da nova cidade, decadente a antiga, explodiu a rivalidade entre ambas e veio a aspiração de autonomia de

(6) Publicadas em 1873, se bem que a segunda fosse escripta em Olinda, quando José de Alencar fazia o curso de direito.

(7) Foi começado em 1870, entrando nos prélos no anno seguinte; mas só em 1873 appareceu o primeiro volume e em 1874 o segundo.

Recife. Os *mascates*, apeados da administração do municipio pelos nobres de Olinda, pleitearam perante a metropole a independencia do novo centro urbano, elevando-o á categoria de cidade. Deferida a pretenção, o Governador Castro cumpriu as ordens do reino e foi o mesmo que atear a chamma no rastilho de polvora. A discordia latente tomou incremento, houve expansão de odios e rebentou a desordem com a desobediencia.

Os revoltosos aproveitaram-se da divergencia entre o bispo de Olinda e o governador de Pernambuco, sitiaram Recife e conseguiram a victoria, fazendo o capitão general partir para a Bahia, acompanhado dos ricos negociantes portuguezes.

Succedeu um periodo agitado e venceu o prestigio do poder, acatando-se a resolução da meropole.

José de Alencar aproveitou esse thema e foi accusado de haver urdido um romance *a clef* e redigiu a sua defesa em uma advertencia inserta no segundo volume publicado um anno mais tarde.

Amittimos a sinceridade do autor e acceitamos a figura de Sebastião de Castro Caldas como sendo a do governador e capitão geral de Pernambuco em 1710, embora reconheçamos, como confessa aliás o romancista, o sainete das allusões, neste e em outros livros da segunda phase.

A traços rapidos apresenta-se a rivalidade, estimulada pelo bairrismo, entre os de Olinda e os de Recife, e apparece um caso de amor que se prende ao assumpto. Referimo-nos ao casamento de D. Leonor, descendente de um nobre, com Vital Rabello, mascate de origem. Realisam-se os esponsaes por intervenção directa do governador, mas houve immediata separação dos conjugues. Nem Vital podia supportar a affronta de residir em Olinda, nem D. Leonor poude acompanhar o marido, por obediencia aos tios, sobrevindo o divorcio provavel dos noivos, a scisura entre as respectivas familias e, por conseguinte, entre os nobres e mascates, e o incremento de odios alimentados pelas rivalidades e ambição de hegemonia.

Vital é da mesma tempera de Estacio das Minas de Prata; D. Leonor participa do caracter de Ignesita; Martha assemelha-se á sua homonyma do Garatuja, como Nuno decorre de Ivo e Gil.

Araripe Junior concorda com o juizo externado em um jornal, quando foi publicado o romance, de se tratar de uma satyra a D. Pedro II, Rio Branco e Sayão Lobato, disfarçados nas figuras de Sebastião de Castro Caldas, do Capitão Barbosa Lima e do ajudante Negreiros, chegando a acoimar o romance com o epitheto de pamphleto politico.

Não subscrevemos absolutamente o conceito do erudito critico brasileiro. Defendemos Alencar do delicto que lhe foi imputado e contestamos que D. Pedro II e o Visconde do Rio Branco fossem as imagens que inspirassem semelhantes retratos.

Anatole France alludindo á aversão que tinha Balzac pelos personagens historicos, escreveu:

> "Le romancier bien inspiré prend pour ses héros les inconnus que l'histoire dédaigne, qui ne sont personne et qui sont tout le monde, et dont le poète compose des types immortels. C'est ainsi qu'un poême ou un roman peut nous faire voir le peuple, la nation et la race, cachés souvent dans l'histoire par un rideau de personnages publics".

Não é o caso vertente, bem o sabemos, mas a elle se applica, se attentarmos o caracter secundario dos personagens historicos aproveitados no romance.

Varnhagen, João Ribeiro, Pereira da Silva e outros historiadores do Brasil não se preoccupam, com a personalidade do governador de Pernambuco nem fornecem os traços caracteristicos do seu temperamento; não descrevem os seus habitos nem se referem á sua vida.

Limitam-se a narrar os acontecimentos, demonstrando a parcialidade do governador a favor dos mascates e contra os *pés rapados*, como eram appellidados os nobres desprovidos de recursos financeiros.

A historia só nos diz que Castro Caldas era partidario da representação do elemento portuguez no poder municipal e nos cargos administrativos e prestou á Côrte informação secreta, favoravel á creação da villa do Recife, com o intuito de fomentar o progresso da antiga cidade Mauricia e favorecer os portuguezes na realisação do seu plano.

Certamente foi da chronica, segundo affirma Araripe Junior, (8) que o autor da Guerra dos Mascates extrahiu as feições caracteristicas do governador e seus ajudantes para compôr os lineamentos dos personagens do seu romance. Eis o que escreve Alencar na nota appensa ao primeiro volume (2.ª edição) pag. 182:

> "A Guerra dos Mascates é talvez dos factos da nossa historia colonial aquelle de que nos ficaram mais copiosos subsidios. Temos acerca dessa grotesca revolução o informe dos dous partidos, os quaes, como sempre acontece, exaggeram cada um por sua conta.

(8) Araripe Junior cita as memorias historicas de Gama Rabeca.

Dos personagens, que a historia memorou, o principal é sem duvida Sebastião de Castro Caldas, governador e capitão general de Pernambuco posto ao qual foi promovido depois que deixou o governo da capitania do Rio de Janeiro, onde serviu entre os annos de 1695 a 1697.

Do seu caracter, como dos factos que referem os chronistas, não carecemos de occupar-nos aqui, pois melhor se verão do texto da obra, especialmente do segundo volume, onde a acção se desenvolve.

Foi este governador muito calumniado, em seu tempo, acabando por lhe faltarem os amigos e defensores, em qualquer dos partidos; até mesmo n'aquelle a quem por ultimo se entregára. E' a sorte dos caracteres dubios e perplexos, que dirigindo todo seu esforço a manter-se em equilibrio entre as ideias e os homens, quando uma vez falseiam, não acham esteio e despenham-se".

E' chegado o trecho transcripto por Araripe:

> "Compilando-se o vulto historico, alem de vingar sua memoria contra a injustiça e aleive dos coevos, erigi em vera effigie, para exemplo dos posteros, a estatua dessa politica sorna, tibia, sorrateira e esconsa, que á maneira da carcoma róe e corrompe a alma do povo".

Note-se que esse trecho está contido na alludida nota e não no texto do romance.

Fazendo-se o confronto entre o segundo imperador do Brasil e o governador da *Guerra dos Mascates* não se pode concluir que o segundo seja um personagem allegorico, representativo do nosso ultimo monarcha. O parallelo acarretará dissemelhanças profundas. O mesmo succederá em relação ao Visconde do Rio Branco.

Não contestamos, já o dissemos, as allusões que muitas vezes Alencar, Macedo e outros escriptores fizeram em suas obras, sem contudo sacrificar a unidade da concepção ou o valor do trabalho.

Para corroborar a sua asserção, o illustre autor do perfil litterario lembra a advertencia ou prologo da obra em que o autor "se entrega em cheio á composição de um tratado chocarreiro sobre as eleições em nossa terra, e observa, como outra prova, o facto de ser a obra denominada "prologo de comedia".

Nesse ponto tem razão de condemnar a a opportunidade do desabafo, sem que possa contestar a veracidade dos conceitos e a justa medida da carapuça. Com effeito, José de Alencar, depois que fora ministro, perdeu a calma de espirito e tornou-se um revoltado da politica, não despresando ensejo para extravasar a bilis.

Finalmente para attenuar o reparo acrimonioso, Araripe recorreu a um anesthesico:

> "Diz um critico que Milton involuntariamente retratou Carlos I e Cromwell em Jehovah e Satan, o principe de Galles em Jesus, e o *ménage* inglez, com toda a sua *respectability*, no formoso par de Adão e Eva".

Mas para não produzir a insensabilidade completa, foi além:

> "O que o poeta inglez praticou por influencia fatal do meio e do momento, José de Alencar fel-o por malicia, — por uma malignidade quasi estou a dizer, feminil".

E que assim fosse; seria por ventura o unico? Não ha na litteratura de todos os povos uma infinidade de exemplos dessa natureza?

O que se não pode pôr em duvida, e nesse ponto estamos de accôrdo, é que o autor do Guarany desviou-se de sua tendencia primitiva, assumiu uma feição satyrica e adquiriu um *humour* contrafeito.

"O pagem negro" e "A neta de Anhanguera" são ensaios que merecem citação.

A apreciação geral, em conjuncto, do romance historico de Alencar se impõe, afim de tirarmos as conclusões.

Não fizemos a analyse de cada obra de per si, por ser tarefa incompativel com o plano do nosso trabalho que deve ser resumido. Limitamo-nos a fazer ligeiras apreciações isoladas, com o intuito de definir a importancia do cabedal ligado á litteratura brasileira. Resta-nos fazer as deducções.

Conforme já accentuámos, José de Alencar não podia escapar á influencia do genero — romance historico. Desde a sua mocidade orientou o seu estudo em assumptos patrios, absorvendo toda a sua attenção em pesquizar o cunho de nacionalismo da nossa existencia social. Recebeu, alem disso, o poderoso influxo dos autores extrangeiros que lhe serviram de mestres.

Walter Scott traçou-lhe a directriz, como já actuára em França e Portugal, em relação a outros escriptores.

A primeira difficuldade que sentiu, foi a de reconstituir com fidelidade ou precisão o nosso passado, por ausencia de materiaes. De um lado a escassez de trabalhos historicos, o que se não verifica na Inglaterra, França e mesmo em Portugal; de outro a parcimonia

ou mesmo carencia de dados e recursos em os nossos musêos e archivos; a falta de meios de transporte e de conhecimentos regionaes; tudo serviu de obstaculo ao desenvolvimento do seu plano.

Todos esses embaraços contribuiram para desvirtuar o sentimento historico, prejudicando o meio, disfaraçando os costumes e adulterando a psychologia dos protagonistas e comparsas. O resultado fatal foi a phantasia intencional nas evocações e na reproducção do ambiente, a tendencia para as aventuras extravagantes, tangenciando as raias do melodrama.

Foi o que succedeu, mas sem as mesmas causas, a Victor Hugo, em *Han d'Islande*, e a Balzac em *Les chouans*

> "Ce qui fait que les *chouans* ne sont pas un des bons romans de Balzac, c'est qu'ils sont historiques à la manière des romans de Walter Scott. On essaie de nous y intéresser à la "résurrection d'une époque historique, par le moyen d'une donnée sentimentale dont le romanesque passe les bornes de l'invraisemblance; et le développement de cette donnée rappelle, même à ceux qui ne les ont pas plus, le mélodramatique *d'Argow le Pirate* et de l'*Héritière de Birague*. Il y a là des fantômes, il y a des souterrains, il y a des cachettes "pleines d'or"; il y a aussi des êtres humains à l'épreuve des balles, et même de la baionette, aussi longtemps du moins qu'il le faut pour conduire l'intrigue jusqu'à son dénoument". (9)

São reparos que se applicam perfeitamente ás *Minas de prata.*

Alencar não se expoz ao insuccesso de Alfredo de Vigny em *Cinq-Mars,* porque foi muito sobrio em explorar assumptos historicos e não se aproveitou de nenhum personagem de destaque ou muito vulgarisado. Nos seus romances, com excepção talvez da *Guerra dos Mascates,* o fio historico é muito tenue e os typos aproveitados são muito secundarios.

Elle seria incapaz de compôr uma obra sob os moldes da *Chronique de Charles IX* de Prosper Merimée, adstricta exclusivamente á historia, bem documentada e subordinada aos conhecimentos perfeitos da archeologia de uma determinada época. Dizemos incapaz, não só pelas razões referidas, como tambem pela opposição franca do seu temperamento de artista. As suas concepções pendem mais para o genero epico-romanesco do que para o historico, a exemplo de Victor Hugo em *Notre Dame de Paris* e *Les misérables.*

Não lhe queremos mal nem o condemnamos por isso. "O prazer que experimentamos em considerar um caraceter ideial nada perderá por concluirmos que esse caracter não passa de uma ficção poetica; porquanto é sobre a verdade *poetica*, e não sobre a verdade *historica*, que repousa qualquer impressão de sentimento esthetico. Ora, a verdade poetica não consiste em que tal ou qual assumpto tivesse effectivamente acontecido, mas em que tivesse podido acontecer, isto é, em que o proprio assumpto seja possivel. Assim a força esthetica deve necessariamente residir sobretudo na ideia da possibilidade". (10)

E' o motivo porque a critica descortina em sua individualidade a obsessão de Chateaubriand, com quem tem muitos pontos de contacto: a alma solitaria e forte dóse de orgulho, poder accentuado de imaginação e espirito romantico. Como o mestre, elle não revelava o mais leve pendor para o realismo; era romantico na fórma e na ideia.

As imagens objectivas, o mundo exterior e as paysagens, sobretudo, exerciam attracção intensa sobre o cerebro do creador do Guarany. Como o autor de *Atala*, elle revela a inopia de capacidade philosophica e distingue-se como artista, na exteriorisação das imagens que lhe acodem ao cerebro e na faculdade de produzir emoções estheticas.

Applica-se-lhe perfeitamente o conceito de Lanson emittido para Chateaubriand:

> "Il jouissait par les yeux, il avait cette sensibilité du peintre qui perçoit des beautés invisibles à la foule dans le dessin d'une attitude ou d'un mouvement, dans les transparences ou les brumes de l'air, dans l'harmonie des tons et des lignes d'un paysage immobile ou d'une foule grouillante. Si sa psychologie est insuffisante, c'est qu'il voit seulement ses personnages; il ne les analyse pas. Et leur vision ne se forme pas en lui selon l'idée d'un certain rapport du physique ou moral, mais selon l'idée de beauté. Au lieu de décrire des états moraux, il dessine des attitudes, aimables, touchantes, tragiques; il fait des groupes et des tableaux". (11)

Extasia-se perante a natureza; deixa-se enlevar pelo mais simples aspecto do ambiente; sente arrebatamentos pelo que é bello e agradavel. E' um poeta pantheista.

---

(9) Ferd. Brunetière — Honoré de Balzac, pag. 99.

(10) Schiller — *Esthétique*, pag. 144.
(11) G. Lanson — *Histoire de la littérature française*, pag. 902.

Explica-se incidentemente a causa da sua inclinação para o inverosimil e da amplificação do seu estylo descriptivo multiplicando comparações e metaphoras.

A inverosimilhança, corollario do temperamento do escriptor brasileiro, prejudicou parte da obra, diminuindo a força esthetica que, na expressão de Schiller, "deve residir necessariamente na ideia da possibilidade".

Sentimos não poder salientar exemplos das nossas affirmações e transcrever trechos demonstrativos do estylo romancista.

O caracter do nosso estudo não comporta as narrações de entrechos e a sua extensão não permitte a analyse e a dissecação da obra. Já fizemos muito, talvez ultrapassando o nosso intuito, em esboçar julgamentos distinctos para cada livro.

Não pretendemos dizer que seja inutil ou dispensavel semelhante processo. Reconhecemos as suas reaes e importantes vantagens, mas devemos nos abster da tentativa, para evitar desenvolvimento demasiado do nosso ensaio. Continuaremos, portanto, a fazer apreciações de caracter geral, julgando a obra em conjuncto e evitando o processo, censuravel e sem proveito, de separar o trigo do joio e da zizania para despresar o substancial ou essencial e aproveitar o secundario, o palhiço. Preferimos os methodos da critica positiva e não nos seduzem as normas da critica demolidora.